

GEORGE R. R.
MARTIN
& LISA TUTTLE
WINDHAVEN

Tradução de Jorge Candeias

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Lisa Tuttle:

*Este livro é dedicado com amor e gratidão à minha mãe e ao meu pai,
mesmo se não o lerem.*

George R. R. Martin:

*Este é para a Elizabeth e a Anne e a Mary Kaye e a Carol
e a Meredyth e a Ann e a Yvonne e o resto dos meus desordeiros do Courier,
na esperança de que continuem a provocar sarilhos, fazer perguntas
e ser expulsos de gabinetes.*

*As Terras Conhecidas
de Windhaven*





ARTÉLIA



ILHAS DE FERRO



Thayos

Thrane

Thar Kril

Far Hunderlin

ILHAS EXTERNAS



Stormhammer



Anel Quebrado

BRASAS



*Pois após experimentardes o voo, ireis
caminhar pela terra de olhos postos no céu;
porque lá estivestes,
e para lá ansiais regressar.*

— Leonardo da Vinci

PRÓLOGO

A tempestade bramira durante a maior parte da noite. Na cama larga que partilhava com a mãe, a criança manteve-se acordada sob a comichosa manta de erva-lã, à escuta. O som da chuva a bater nas finas tábuas de limoneira da cabana era constante e insistente, e por vezes ouvia o ribombar distante dos trovões, e quando os relâmpagos brilhavam, finas linhas de luz esgueiravam-se por entre as persianas para iluminar a minúscula divisão. Quando desapareciam, voltava a ficar escuro.

A criança ouviu o tamborilar da água no chão e compreendeu que surgira mais uma goteira no telhado. Ia transformar o chão de terra batida em lama e a mãe ia ficar furiosa, mas não havia nada a fazer. A mãe não era boa a consertar telhados e não podiam dar-se ao luxo de contratar alguém. Um dia, dizia-lhe a mãe, a fatigada cabana ruiria com a violência das tempestades.

— Então vamos voltar a ver o teu pai — dizia. A rapariga não se lembrava lá muito bem do pai, mas a mãe falava dele com frequência.

As persianas abanaram sob uma terrível rajada de vento e a criança ouviu o som assustador de madeira a rachar e o matraquear do papel oleado que lhes servia de janela e teve um momento de medo. A mãe continuou a dormir, sem se dar conta. As tempestades eram frequentes, mas a mãe passava-as sempre a dormir. A rapariga tinha medo de acordar. A mãe tinha um temperamento turbulento e não gostava de ser acordada por algo tão pequeno como o medo de uma criança.

As paredes voltaram a ranger e a abanar; relâmpago e trovão chegaram

quase juntos, e a criança tremeu sob a manta e perguntou a si própria se seria aquela a noite em que iriam ver o pai.

Mas não foi.

Por fim, a tempestade atenuou-se e até a chuva parou. O quarto ficou escuro e silencioso.

A rapariga sacudiu a mãe para a acordar.

— Que é? — disse esta. — Que é?

— A tempestade acabou, mãe — disse a criança.

Ao ouvir aquilo, a mulher acenou com a cabeça e levantou-se.

— Veste-te — disse à rapariga enquanto procurava a sua roupa na escuridão. A alvorada ainda distava uma hora, pelo menos, mas era importante chegar depressa à praia. A pequena sabia que as tempestades esmagavam navios; pequenos barcos de pesca que tivessem permanecido demasiado tempo no mar, ou que houvessem navegado até demasiado longe, e por vezes até os grandes navios mercantes. Se se saísse após uma tempestade, talvez se encontrasse coisas arremessadas para a praia, todos os tipos de coisas. Uma vez tinham encontrado uma faca com um gume amolgado de metal; quando a venderam, comeram bem durante duas semanas. Mas se se quisesse encontrar coisas boas, não se podia ser preguiçoso. Uma pessoa preguiçosa esperaria até à alvorada e nada encontraria.

A mãe pôs ao ombro um saco vazio de lona, para transportar coisas. O vestido da rapariga tinha grandes bolsos. Ambas usavam botas. A mulher pegou numa longa vara com um gancho de madeira esculpida na ponta, para o caso de verem alguma coisa na água, a flutuar fora de alcance.

— Vem daí, miúda — disse ela. — Não engonhes.

A praia estava fria e escura, com um vento gélido que soprava firmemente de oeste. Não estavam sós. Três ou quatro outros já lá se encontravam, percorrendo a areia molhada, deixando pegadas que depressa se enchiam de água. Ocasionalmente, um deles vergava-se e examinava qualquer coisa. Um dos outros trazia uma lanterna. Elas haviam possuído uma boa lanterna em tempos, quando o pai era vivo, mas tinham sido obrigadas a vendê-la mais tarde. A mãe queixava-se disso com frequência. Não possuía a visão noturna da filha e por vezes tropeçava no escuro, sendo frequente não ver coisas que devia ter visto.

Dividiram-se, como sempre faziam. A pequena foi para norte ao longo da praia, enquanto a mãe procurava a sul.

— Volta à alvorada — disse a mãe. — Tens deveres a cumprir. Não vai restar nada depois da alvorada. — A criança confirmou com a cabeça e apressou-se na busca.

Os achados foram escassos nessa noite. A rapariga caminhou por muito tempo, seguindo a borda de água, de olhos no chão, à procura, sempre

à procura. Gostava de encontrar coisas. Se voltasse para casa com um bocado de metal, ou talvez um dente de cila, tão comprido como o seu braço, curvo, amarelo e terrível, então a mãe talvez lhe sorrisse e lhe dissesse como era uma boa menina. Isso não acontecia com frequência. O mais comum era a mãe pregar-lhe raspanetes por ser demasiado sonhadora e por fazer perguntas tolas.

Quando a vaga luz que antecedia a aurora começou a engolir as estrelas, nada tinha nos bolsos além de dois bocados de vidro-marinho leitoso e de uma amêijoia. Era uma amêijoia grande e pesada, do tamanho da sua mão e com a casca áspera e pedregosa que queria dizer que era da melhor espécie para comer, da espécie cuja carne era preta e amanteigada. Mas só conseguira encontrar uma. Nada mais dera à costa além de madeira sem préstimo.

A pequena estava a preparar-se para voltar para trás, como a mãe lhe dissera para fazer, quando viu o relampejar de metal no céu — uma súbita cintilação de prata, como se uma nova estrela tivesse ganho vida, mais brilhante que todas as outras.

Era a norte de onde se encontrava, ao largo, sobre o mar. Observou onde a cintilação estivera, e um momento mais tarde ela voltou a relampejar, um pouco mais à esquerda. Compreendeu de que se tratava: as asas de um voador tinham capturado os primeiros raios do Sol nascente, antes de estes tocarem o resto do mundo.

A criança quis segui-lo, correr e ver. Adorava observar o voo das aves, os pequenos picanços e os ferozes falcões-noturnos e os papagaios necrófagos; e os voadores, com as suas grandes asas prateadas eram melhores do que quaisquer aves. Mas era quase alvoreada e a mãe dissera-lhe para regressar à alvoreada.

Desatou a correr. Se se apressasse, pensou, se corresse até lá e de lá até casa, talvez tivesse tempo de observar um pouco, antes de a mãe sentir a sua falta. Portanto correu e correu, passando pelos preguiçosos que acordavam tarde e só agora estavam a sair para vaguear pela praia. A amêijoia saltava-lhe dentro do bolso.

Todo o céu oriental ostentava um tom pálido de laranja quando chegou ao lugar dos voadores, uma vasta extensão de praia arenosa onde era frequente aterrarem, sob a alta falésia de onde se lançavam. A pequena gostava de trepar a falésia e de olhar lá de cima, com o vento nos cabelos e as perninhas penduradas da borda e o céu a toda a sua volta. Mas naquele dia não havia tempo. Teria de voltar em breve para trás, senão a mãe zangar-se-ia.

E, fosse como fosse, chegara tarde de mais. O voador estava a aterrar.

Fez uma última passagem graciosa sobre a areia, passando com as asas dez metros acima da sua cabeça. Ela parou a observá-lo, de olhos esbuga-

lhados. Depois, por cima de água, ele inclinou-se; uma asa prateada desceu e a outra subiu, e de repente deu a volta num largo círculo. E depois endireitou-se e aproximou-se, descendo com elegância, de forma a quase não tocar a areia ao chegar, planando.

Havia outras pessoas na praia — um homem novo e uma mulher mais velha. Correram ao lado do voador quando ele pousou e ajudaram a fazê-lo parar, e depois fizeram-lhe qualquer coisa às asas que as desmontou. Os dois dobraram as asas, lentamente e com cuidado, enquanto o voador soltava as correias que as prendiam ao seu corpo.

Observando, a rapariga viu que o voador era aquele de que gostava. Ela sabia que havia montes de voadores, e já vira muitos deles, e até aprendera a reconhecer alguns, mas só havia três que apareciam com frequência, os três que viviam na sua ilha. A pequena imaginava que deviam viver no topo das falésias, em casas que se parecessem um pouco com os ninhos de aves, mas com paredes de metal prateado e sem preço. Um dos três era uma mulher severa de cabelo grisalho e com um rosto amargo. O segundo não passava de um rapaz, de cabelo castanho e dolorosamente bonito, com uma voz agradável; gostava mais dele. Mas o seu preferido era o homem que estava na praia, um homem tão alto e esguio e de ombros tão largos como o pai fora, sem barba, e com olhos castanhos e um cabelo encaracolado e arruivado. Sorria muito, e parecia voar mais do que qualquer dos outros.

— Tu — disse ele.

A pequena ergueu o olhar, aterrorizada, e deu com ele a sorrir-lhe.

— Não te assustes — disse o voador. — Não te vou fazer mal.

Ela deu um passo para trás. Observara os voadores com frequência, mas nunca nenhum reparara nela.

— Quem é? — perguntou o voador ao ajudante, que se encontrava atrás dele, com as asas dobradas na mão.

O jovem encolheu os ombros.

— Uma apanhadora de amêijoas qualquer. Não sei. Já a tinha visto por aqui. Quer que eu corra com ela?

— Não — disse o homem. Voltou a sorrir-lhe. — Porque estás tão assustada? — perguntou. — Está tudo bem. Não me importo que venhas cá, pequenina.

— A minha mãe disse-me para não incomodar os voadores — disse a criança.

O homem riu-se.

— Oh — disse. — Bem, a mim não incomodas. Talvez um dia cresças para ajudar os voadores, como aqui os meus amigos. Gostavas?

A rapariga abanou a cabeça.

— Não.

— Não? — Ele encolheu os ombros, ainda a sorrir. — Então que gostavas tu de fazer? Voar?

Timidamente, a criança conseguiu confirmar com a cabeça.

A mulher mais velha soltou um risinho, mas o voador deitou-lhe um relance e franziu o sobrolho. Depois aproximou-se da criança, baixou-se e pegou-lhe na mão.

— Bem — disse — se vais voar, tens de treinar, sabes? Gostavas de treinar?

— Sim.

— Por agora és pequena de mais para asas — disse o voador. — Vem cá. — Envolveu-a em mãos fortes e ergueu-a para cima dos ombros, deixando-a encavalitada com as pernas penduradas contra o seu peito e as mãos a remexer-lhe hesitantemente no cabelo. — Não — disse ele. — Se vais ser voadora, não te podes agarrar. Os teus braços têm de ser as tuas asas. Consegues manter os braços estendidos para os lados?

— Sim — disse ela. Ergueu os braços e estendeu-os como um par de asas.

— Os teus braços vão ficar cansados — avisou o voador — mas não podes baixá-los. Se queres voar, não podes. Um voador tem de ter braços fortes, que nunca se cansem.

— Eu sou forte — insistiu a rapariga.

— Ótimo. Estás pronta para voar?

— Sim. — E pôs-se a bater os braços.

— Não, não, *não* — disse ele. — Não os batas. Nós não somos como os pássaros, sabes? Julgava que nos tinhas observado.

A pequena tentou lembrar-se.

— Papagaios — disse de repente. — Vocês são como os papagaios.

— Às vezes — disse o voador, contente. — E como os falcões-noturnos, e outras aves de voo planado. Não voamos, propriamente, sabes? Pairamos como os papagaios. Cavalgamos o vento. Por isso não podes bater os braços; tens de os manter rígidos e tentar sentir o vento. Sentes agora o vento?

— Sim. — Era um vento mais quente, carregado com o cheiro do mar.

— Bem, apanha-o com os braços, deixa que ele te sopre.

Ela fechou os olhos, e tentou sentir o vento nos braços.

E começou a mover-se.

O voador começara a trotar pela areia fora, como se fosse soprado pelo vento. Quando o vento mudava, ele também o fazia, mudando subitamente de direção. Ela manteve os braços rígidos, e o vento pareceu tornar-se mais forte, e ele agora estava a correr e ela saltava para cima e para baixo sobre os seus ombros, indo cada vez mais depressa.

— Vais levar-me para a água — gritou ele. — Vira, vira!

E ela inclinou as asas, da forma que tantas vezes os vira fazer para virar, subindo uma mão e descendo a outra, e o voador virou para a direita e pôs-se a correr num círculo, até ela finalmente voltar a endireitar os braços e ele voltar a correr para o sítio de onde viera.

Ele correu e correu, e ela voou, até estarem ambos sem fôlego e a rir.

Por fim, ele parou.

— Basta — disse. — Um voador principiante não deve ficar demasiado tempo no ar. — Tirou-a de cima dos seus ombros e voltou a pousá-la na areia, sorrindo. — Pronto — disse.

Ela sentia os braços doridos de os ter mantido erguidos durante tanto tempo, mas estava entusiasmada quase ao ponto de rebentar, apesar de saber que uma surra a esperava em casa. O Sol estava bem acima do horizonte.

— Obrigada — disse, ainda sem fôlego do voo.

— O meu nome é Russ — disse ele. — Se quiseres voltar a voar, vem visitar-me. Não tenho nenhum voadorzinho meu.

A criança acenou avidamente com a cabeça.

— E tu — disse ele, sacudindo areia da roupa. — Quem és tu?

— Maris — respondeu a rapariga.

— Nome bonito — respondeu o voador num tom agradável. — Bom, tenho de me ir embora, Maris. Mas talvez voemos outro dia, hã? — Sorriu-lhe e virou-lhe costas e começou a afastar-se pela praia fora. Os dois ajudantes juntaram-se-lhe, levando um deles as asas dobradas. Puseram-se a conversar enquanto se afastavam, e ela ouviu o som do riso dele.

E de súbito correu atrás dele, fazendo voar areia, esforçando-se por igualar os longos passos do homem.

Ele ouviu-a e virou-se.

— Sim?

— Tome — disse ela. Meteu a mão no bolso e entregou-lhe a amêijoia.

O espanto rebentou no rosto do voador, e depois desapareceu no calor do seu sorriso. Aceitou a amêijoia com uma expressão séria.

A criança pôs os braços à volta dele, abraçou-o com uma feroz intensidade, e fugiu. Correu com os braços estendidos de ambos os lados, tão depressa que quase parecia voar.

PRIMEIRA PARTE

Tempestades

Maris cavalgou a tempestade, três metros acima do mar, domando os ventos em largas asas de tecido de metal. Voou de forma intensa e temerária, deliciando-se com o perigo e a maresia, sem se importar com o frio. O céu mostrava um azul-cobalto de mau agouro, os ventos aumentavam, e ela tinha asas; isso bastava. Podia morrer agora e morreria feliz, voando.

Voou melhor do que alguma vez voara, virando e deslizando entre as correntes de ar sem um pensamento, apanhando sempre a corrente ascendente ou descendente que a levaria para mais longe ou mais depressa. Não tomou decisões erradas; quando voou contra o vento, foi por puro divertimento. Teria sido mais seguro voar alto, como uma criança, o mais alto acima das ondas que conseguisse subir, a salvo dos seus erros. Mas Maris rasou o mar, como uma *voadora*, e uma única inclinação, um raspar de asa na água, queria dizer uma queda desastrada do céu. E a morte; não é possível nadar até longe quando se tem uma envergadura de asas de seis metros.

Maris era temerária, mas conhecia os ventos.

Viu em frente o pescoço de uma cila, uma corda sinuosa, escura contra o horizonte. Quase sem pensar, respondeu. A mão direita puxou para baixo a pega de couro da asa, a esquerda puxou para cima. Deslocou todo o peso do corpo. As grandes asas prateadas — finas como seda e quase sem peso, mas imensamente fortes — deslocaram-se com ela, virando. Uma ponta de asa praticamente roçou os carneirinhos que saltavam por baixo, a outra

ergueu-se; Maris apanhou mais completamente os ventos que aumentavam e começou a subir.

A morte, a morte no céu, andara-lhe nas ideias, mas não queria acabar assim — arrancada ao ar como uma gaivota descuidada, almoço para um monstro faminto.

Minutos mais tarde chegou à cila e parou, descrevendo um círculo provocador logo para lá do alcance do animal. De cima, conseguia ver o seu corpo, logo abaixo das ondas, as fileiras de lisas barbatanas negras que batiam ritmicamente. A minúscula cabeça, balançando devagar de um lado para o outro no topo do longo pescoço, ignorou-a. Talvez já tivesse provado voadores, pensou então Maris, e não lhe agradasse o sabor.

Os ventos sopravam agora mais frios e vinham carregados de sal. A tempestade estava a reunir forças; conseguia sentir um tremor no ar. Maris, entusiasmada, depressa deixou a cila muito para trás. Depois ficou de novo sozinha, voando sem esforço através de um mundo vazio e cada vez mais escuro de mar e céu, no qual o único som era o do vento a soprar nas suas asas.

A seu tempo, a ilha ergueu-se do mar: o seu destino. Suspirando, com pena de a viagem chegar ao fim, Maris deixou-se descer.

Gina e Tor, dois dos presos à terra locais — Maris não sabia o que eles faziam quando não estavam a cuidar dos voadores — estavam de serviço no promontório de aterragem. Descreveu um círculo por cima deles para lhes chamar a atenção. Eles levantaram-se da areia fina e acenaram-lhe. Da segunda vez que se aproximou estavam a postos. Maris foi baixando cada vez mais, até ficar com os pés a meros centímetros do chão; Gina e Tor acompanharam-na, correndo pela areia, cada um ao lado de uma asa. Os dedos dos seus pés raspavam na superfície e começou a abrandar numa nuvem de areia.

Por fim parou, deitada de borco na areia fria e seca. Sentiu-se ridícula. Um voador caído é como uma tartaruga virada de costas; conseguiria pôr-se de pé se tivesse de o fazer, mas era um processo difícil e pouco digno. Apesar de tudo, fora uma boa aterragem.

Gina e Tor puseram-se a dobrar as suas asas, uma junta de trinta centímetros de cada vez. Quando cada tensor se desprendia e era dobrado contra o segmento seguinte, o fino tecido entre os dois perdia a rigidez. Quando todos os tensores foram dobrados, as asas ficaram penduradas do eixo central preso às costas de Maris, como duas dobras soltas de metal.

— Esperávamos Coll — disse Gina ao dobrar o último tensor. O seu cabelo curto e escuro espetava-se em espigões à volta do seu rosto.

Maris abanou a cabeça. A viagem devia ter sido de Coll, talvez, mas ela

estivera desesperada com desejo pelo ar. Pegara nas asas — ainda as *suas* asas — e saía antes de ele se levantar da cama.

— Ele há de voar o suficiente depois da próxima semana, calculo — disse Tor com alegria. Ainda havia areia no seu cabelo louro e escorrido e tremia um pouco devido aos ventos marítimos, mas sorria enquanto falava. — Todo o voo que quiser. — Pôs-se em frente de Maris para a ajudar a desprender as asas.

— Vou com elas postas — disse-lhe Maris com brusquidão, impaciente, enfurecida pelas palavras descontraídas do outro. Como podia ele entender? Como podia *qualquer* deles entender? Eram presos à terra.

Arrancou promontório acima na direção da residência, e Gina e Tor puseram-se a seu lado. Aí, tomou a habitual refeição leve e, em pé à frente de um enorme fogo livre, deixou-se secar e aquecer. Respondeu com secura às perguntas amigáveis, tentando ficar em silêncio, tentando não pensar que aquela podia ser a última vez. Porque era uma voadora, todos respeitaram o seu silêncio, ainda que com desapontamento. Para os presos à terra, os voadores eram a mais regular das fontes de contacto com as outras ilhas. Os mares, diariamente golpeados por tempestades e infestados de cilas, gatos-do-mar e outros predadores, eram demasiado perigosos para viagens regulares por navio exceto entre ilhas pertencentes ao mesmo grupo. Os voadores eram quem interligava as ilhas, e os outros procuravam neles novidades, mexericos, canções, histórias, romance.

— O terratenente estará pronto assim que estiver repousada — disse Gina, tocando Maris hesitantemente no ombro. Maris afastou-se, pensando: *Sim, a ti basta servires os voadores. Gostarias de ter um marido voador, talvez Coll quando crescer... e não sabes o que significa para mim que o voador deva ser Coll, não eu.* Mas disse apenas:

— Já estou pronta. Foi um voo fácil. Os ventos fizeram todo o trabalho.

Gina levou-a para outra sala, onde o terratenente estava à espera da mensagem que trazia. À semelhança da primeira, aquela sala era comprida e pouco mobilada, com um intenso fogo a crepitar numa grande lareira de pedra. O terratenente estava sentado numa cadeira almofadada colocada perto das chamas; levantou-se quando Maris entrou. Os voadores eram sempre saudados como iguais, mesmo em ilhas em que os terratenentes eram adorados como deuses e detinham poderes quase divinos.

Depois de terem sido trocados os cumprimentos rituais, Maris fechou os olhos e deixou a mensagem fluir. Não sabia o que dizia, nem se importava. As palavras usavam a sua voz sem perturbarem os pensamentos conscientes. *Provavelmente é política*, pensou. Nos últimos tempos tinha sido tudo política.

Quando a mensagem terminou, Maris abriu os olhos e sorriu ao ter-

ratenente — perversamente, de propósito, porque ele parecia preocupado com as suas palavras. Mas o homem recuperou depressa e devolveu-lhe o sorriso.

— Obrigado — disse, com alguma fraqueza. — Saiu-se bem.

Foi convidada a passar a noite na ilha, mas recusou. De manhã, a tempestade podia já ter terminado; e além disso, gostava de voos noturnos. Tor e Gina acompanharam-na até ao exterior e pelo caminho pedregoso que levava à falésia dos voadores. Havia lanternas encaixadas na rocha a intervalos de poucos metros, para tornar a sinuosa subida mais segura à noite.

No topo da subida havia uma plataforma natural, aprofundada e alargada por mãos humanas. Depois da plataforma, uma queda de vinte e cinco metros e vagas a rebentar numa praia pedregosa. Na plataforma, Gina e Tor desenrolaram-lhe as asas e prenderam os tensores nos seus lugares, e o tecido de metal esticou-se, apertado, retesado e prateado. E Maris saltou.

O vento capturou-a, erguendo-a. Estava de novo a voar, com o céu escuro por baixo e a trovejante tempestade por cima. Depois de lançada, não voltou a olhar para os dois melancólicos presos à terra que a seguiam com os olhos. Dentro de um tempo demasiado curto, seria um deles.

Não virou para casa. Em vez disso voou com os ventos da tempestade que agora sopravam com violência, de oeste. Depressa chegariam os trovões e a chuva, e então Maris seria forçada a subir acima das nuvens, onde era menos provável que o relâmpago a fizesse cair em chamas do céu. Em casa, o tempo estaria calmo, a tempestade passada. As pessoas estariam no exterior, a passar a praia a pente fino para ver o que os ventos teriam trazido, e alguns pequenos dórís talvez estivessem a sair para o largo, na esperança de que o dia de pesca não ficasse completamente perdido.

O vento cantou-lhe nos olhos e empurrou-a, e ela nadou com elegância na corrente do céu. Depois, estranhamente, pensou em Coll. E de repente perdeu o sentido do vento. Hesitou, mergulhou, depois ergueu-se numa subida abrupta, virando, à procura dele. E amaldiçoando-se. Antes fora tão bom... teria de terminar assim? Aquele poderia ser o último voo da sua vida, e tinha de ser o melhor. Mas nada havia a fazer: perdera a certeza. Ela e o vento já não eram amantes.

Começou a voar contrariando a tempestade, numa batalha amarga, combatendo até ficar com os músculos tensos e doridos. Agora ganhava altitude; quando o sentido do vento nos abandona, deixa de ser seguro voar tão perto da água.

Quando vislumbrou a face rochosa do Ninho e se apercebeu da distância que percorrera, estava exausta, cansada de lutar.

O Ninho não passava de um enorme rochedo projetado do mar, uma

torre arruinada de rocha, rodeada por espuma furiosa, onde as vagas se quebravam contra altas vertentes a pique. Não era uma ilha; nada crescia ali além de bolsas de resistentes líquenes. Mas as aves faziam os ninhos nas poucas fendas e plataformas protegidas, e no topo do rochedo os voadores tinham construído o seu ninho. Ali, onde nenhum navio podia atracar, ali onde ninguém além de voadores — avícolas e humanos — podiam empoleirar-se, ali ficava a sua residência de pedra escura.

— Maris!

Ergueu o olhar ao ouvir o seu nome, e viu Dorrel a mergulhar sobre ela, rindo, com as asas escuras contra o fundo de nuvens. No último momento possível afastou-se dele, numa viragem abrupta, e deslizou de debaixo do seu mergulho. Ele perseguiu-a em volta do Ninho, e Maris esqueceu que estava cansada e com dores e perdeu-se no puro júbilo de voar.

Quando finalmente aterraram, as chuvas tinham acabado de começar, chegando de súbito de oeste, aos uivos, picando-lhes as caras e esbofeteadando-lhes duramente as asas. Maris apercebeu-se de que estava quase entorpecida de frio. Desceram numa faixa de aterragem de terra fofa, escavada na rocha sólida, sem ajuda, e Maris escorregou três metros numa lama repentina antes de parar. Depois, precisou de cinco minutos para se pôr em pé e atrapalhar-se com as correias triplas que lhe envolviam o corpo. Prendeu com cuidado as asas a uma corda de amarração e começou a dobrá-las.

Quando terminou, tinha os dentes a castanholar convulsivamente e sentia quão doridos estavam os braços. Dorrel franziu o sobrolho ao vê-la trabalhar; as suas asas, bem dobradas, estavam penduradas do seu ombro.

— Andaste muito tempo por fora? — perguntou. — Devia ter-te deixado aterrar. Desculpa. Não percebi. Deves ter vindo o caminho todo com a tempestade, logo à sua frente. Tempo difícil. Eu próprio apanhei alguns dos ventos cruzados. Estás bem?

— Oh, sim. Estava cansada... mas na verdade não, já não. Estou contente por estares no céu para me receber. Foi um bom voo, e eu precisava daquilo. A última parte da viagem foi dura... julguei que caía. Mas bom voo é melhor que descanso.

Dorrel riu-se e pôs-lhe os braços em volta. Maris sentiu como ele estava quente após o voo e, por contraste, quão fria estava. Ele também o sentiu e apertou-a mais.

— Vem para dentro antes que congeles. O Garth trouxe umas garrafas de kivas das Shotans, e uma delas já deve estar quente por esta altura. Entre nós e o kivas, vamos voltar a aquecer-te.

A sala de estar da residência encontrava-se quente e alegre, como sempre, mas quase vazia. Garth, um voador baixo e musculoso dez anos mais velho do que ela, era o único que lá se encontrava. Ergueu o olhar do seu

pouso junto ao lume e chamou-a pelo nome. Maris quis responder, mas tinha a garganta apertada de nostalgia e os dentes cerrados. Dorrel levou-a para junto da lareira.

— Deixei-a lá fora ao frio como um idiota de asas de madeira — disse Dorrel. — O kivas está quente? Serve-nos um pouco. — Despiu a roupa húmida e enlameada com rapidez e eficiência, e tirou duas grandes toalhas de uma pilha situada perto do fogo.

— Porque haveria eu de desperdiçar o meu kivas contigo? — trovejou Garth. — Para a Maris, claro que sim, que ela é muito bela e uma soberba voadora. — Fez uma vénia trocista na sua direção.

— Deves desperdiçar o teu kivas comigo — disse Dorrel, esfregando-se vivamente com a grande toalha — a menos que queiras desperdiçá-lo todo no chão.

Garth respondeu, e os dois trocaram insultos e ameaças em vozes lacónicas. Maris não os escutou — já antes ouvira tudo aquilo. Espremeu a água do cabelo, observando os padrões que a humidade fazia nas pedras da lareira e a velocidade com que desapareciam. Olhou para Dorrel, tentando memorizar o seu corpo esguio e musculoso — um bom corpo de voador — e as rápidas alterações no seu rosto enquanto provocava Garth. Mas ele virou-se quando sentiu que Maris o observava, e os olhos suavizaram-se-lhe. O último dito espirituoso de Garth caiu no silêncio, sem força. Dorrel tocou Maris com doçura, percorrendo-lhe a linha do maxilar.

— Ainda estás a tremer. — Tirou-lhe a toalha das mãos e envolveu-a nela. — Garth, tira aquela garrafa do lume antes que expluda e deixa-nos todos aquecer.

O kivas, um vinho quente temperado ao qual eram acrescentadas passas e nozes para lhe dar sabor, foi servido em grandes canecas de pedra. O primeiro gole fez-lhe percorrer as veias por finas gavinhas de fogo, e o tremor parou.

Garth sorriu-lhe.

— É bom, não é? Não que o Dorrel o aprecie. Consegui arrancar uma dúzia de garrafas a um velho pescador sebento. Tinha-as encontrado num naufrágio, não sabia o que eram, e a mulher não as queria em casa. Dei-lhe umas bugigangas por elas, umas contas de metal que tinha comprado para a minha irmã.

— E que vai receber a tua irmã? — perguntou Maris, entre goles de kivas.

Garth encolheu os ombros.

— Ela? Oh, era uma surpresa, de qualquer forma. Trago-lhe qualquer coisa de Poweet da próxima vez que lá for. Uns ovos pintados.

— Isso se ele não vir mais nada por que possa trocar os ovos no cami-

nho de regresso — disse Dorrel. — Se a tua irmã alguma vez receber a surpresa, Garth, o choque matará todo o prazer. Tu nasceste mercador. Acho que eras capaz de trocar as asas se o negócio fosse suficientemente bom.

Garth soltou uma fungadela indignada.

— Fecha a boca quando disseres isso, passaroco. — Virou-se para Maris. — Como está o teu irmão? Nunca o vejo.

Maris bebeu mais um gole da bebida, agarrando-se à calma com ambas as mãos.

— Chegará à maioridade para a semana — disse com cautela. — Nessa altura, as asas serão dele. Não sei nada sobre as suas idas e vindas. Talvez não goste da tua companhia.

— Eh — disse Garth. — E porque não haveria de gostar? — Parecia magoado. Maris acenou com a mão e forçou-se a sorrir. Pretendera fazer um gracejo. — Gosto bastante dele — prosseguiu Garth. — Todos gostamos dele, não é, Dorrel? É novo, calmo, talvez um pouco cauteloso de mais, mas deve melhorar. É diferente, não sei em quê... oh, mas sabe contar histórias! E cantar! Os presos à terra vão aprender a adorar ver as suas asas. — Garth abanou a cabeça, maravilhado. — Onde aprende ele aquilo tudo? Eu viajei mais do que ele, mas...

— Ele inventa-as — disse Maris.

— Ele próprio? — Garth estava impressionado. — Então vai ser o nosso cantor. Na próxima competição vamos tirar o prémio ao Oriente. O Ocidente tem sempre os melhores voadores — disse com lealdade — mas os nossos cantores nunca foram merecedores do título.

— Eu cantei pelo Ocidente no último encontro — objetou Dorrel.

— É precisamente isso que eu quero dizer.

— *Tu* guinchas como um gato-do-mar.

— Sim — disse Garth — mas não tenho ilusões sobre as minhas capacidades.

Maris não ouviu a resposta de Dorrel. A sua mente afastara-se do diálogo dos outros, e estava a observar as chamas, pensando, embalando a bebida ainda tépida. Sentia-se em paz ali no Ninho, mesmo agora, mesmo depois de Garth ter mencionado Coll. E estranhamente confortável. Ninguém vivia no rochedo dos voadores, mas era uma espécie de lar. O seu lar. Era difícil pensar em não voltar àquele sítio.

Lembrou-se da primeira vez que vira o Ninho, uns bons seis anos antes, logo depois do dia da sua maioridade. Fora uma rapariga de treze anos, orgulhosa por ter voado até tão longe sozinha, mas também assustada, e tímida. Dentro da residência encontrara uma dúzia de voadores, sentados em volta de um fogo, bebendo, rindo. Decorria uma festa. Mas tinham parado e tinham-lhe sorrido. Nessa altura, Garth era um jovem calado, Dorrel

um rapaz magricela pouco mais velho do que ela. Não conhecia nenhum deles. Mas Helmer, um voador de meia-idade oriundo da ilha mais próxima da sua, fizera as apresentações. Ainda se lembrava das caras, dos nomes: a ruiva Anni de Culhall, Foster, que se tornara demasiado gordo para voar, Jamis, o Sênior, e especialmente aquele a que davam a alcunha de Corvo, um jovem arrogante que se vestia de peles negras e metais e ganhara prêmios para o Oriente em três competições consecutivas. Havia também um outro, um louro esgaldado vindo das Ilhas Externas. A festa era em sua honra; era raro algum dos externos voar até tão, tão longe.

Todos tinham dado as boas-vindas a Maris, e depressa quase pareceu que substituíra o louro alto como convidada de honra. Deram-lhe vinho, apesar da idade, e obrigaram-na a cantar com eles, e contaram-lhe histórias sobre voar, a maioria das quais já antes ouvira mas nunca contadas por pessoas como aquelas. Por fim, quando já se sentia muito membro do grupo, os outros permitiram que as atenções se afastassem dela e as festividades reataram o seu rumo normal.

Fora uma festa estranha, inesquecível, e um incidente em especial ficara-lhe gravado a ouro na memória. Corvo, a única asa oriental no grupo, estivera a ser muito espicado. Por fim, um pouco bêbado, rebelara-se.

— Vocês chamam a si próprios voadores — dissera, numa chicotada de voz que Maris recordaria para sempre. — Venham, venham comigo, eu mostro-vos como se voa.

E todo o grupo fora para o exterior, para a falésia de voadores do Ninho, a mais alta de todas as falésias. Mergulhava duzentos metros a pique, até onde os rochedos se erguiam como dentes e a água espumava furiosamente contra eles. O Corvo, levando umas asas dobradas, caminhou até à borda. Desdobrou cautelosamente as primeiras três juntas dos tensores das asas e enfiou os braços nas presilhas. Mas não trancou as asas; as articulações ainda se moviam, e os tensores abertos dobravam-se para trás e para a frente com os seus braços, flexíveis. Quanto aos outros tensores, segurava-os, dobrados, nas mãos.

Maris perguntara a si própria que pretendia ele fazer. Depressa o descobrira.

Ele correria e saltaria do penhasco dos voadores, o mais longe que conseguira. Com as asas ainda dobradas.

Ela sustivera a respiração, correria para a borda. Os outros tinham-na seguido, alguns pálidos, uns poucos sorrindo. Dorrel parara ao lado dela.

O Corvo caía a pique, uma pedra, com as mãos junto aos flancos, o pano da asa a bater como uma capa. Voava de cabeça para baixo e o mergulho parecia durar para sempre.

Mas então, no último momento possível, quando estava quase nos ro-

chedos, quando Maris já quase conseguia sentir o impacto... asas prateadas, subitamente, relampejando à luz do Sol. Asas vindas de nenhures. E o Corvo apanhara os ventos e voara.

Maris ficara extasiada. Mas Jamis, o Sênior, o mais velho voador que o Ocidente tinha, limitara-se a rir.

— O truque do Corvo — rosnara. — Já o tinha visto fazê-lo duas vezes. Oleia os tensores das asas. Depois de cair o suficiente, atira-os para o lado com toda a força. Quando cada um se encaixa, o solavanco dispara o seguinte. É bonito, sim. Podes apostar que treinou bastante antes de tentar fazê-lo na presença de alguém. Mas um destes dias uma junta vai encravar, e nós deixaremos de ter de ouvir o Corvo.

Mas nem as palavras dele tinham maculado a magia. Maris vira frequentemente voadores, impacientes com os seus ajudantes presos à terra, erguer as asas quase abertas e fazer sair o último par de juntas com uma sacudidela brusca. Mas nunca nada como aquilo.

O Corvo trazia um sorrisinho quando encontrara os outros na faixa de aterragem.

— Quando conseguirem fazer *aquilo* — disse ao grupo — podem apelidar-se de voadores. — Fora um tipo presumido e temerário, sim, mas naquele momento, e durante os anos que se seguiram, Maris julgara-se apaixonada por ele.

Abanou a cabeça com tristeza e terminou o kivas. Tudo agora parecia uma tolice. O Corvo morrera menos de dois anos depois daquela festa, desaparecera no mar sem deixar vestígios. Uma dúzia de voadores morria todos os anos, e as asas normalmente perdiam-se com eles; voos desajeitados faziam-nos cair e afogar-se, sabia-se de cilas de pescoço comprido que tinham atacado voadores descuidados em voos rasantes, tempestades sopravam-nos para fora do céu, relâmpagos perseguiram o metal das suas asas — sim, havia muitas maneiras para um voador morrer. A maioria, suspeitava Maris, simplesmente perdia-se e não encontrava os seus destinos, continuando a voar às cegas até que a exaustão os puxava para baixo. Alguns talvez contactassem com a mais rara e mais temida ameaça do céu: o ar parado. Mas Maris sabia agora que o Corvo fora um candidato à morte mais promissor do que a maioria, um tolo voador exibicionista, sem sentido do céu.

A voz de Darrel arrancou-a às recordações.

— Maris — disse. — Eh, não nos adormeças.

Maris pousou a caneca vazia, com a mão curvada em volta da pedra áspera, ainda em busca do calor que ela contivera. Com esforço, afastou a mão e pegou na camisola.

— Não está seca — protestou Garth.

— Tens frio? — perguntou Dorrel.

— Não. Tenho de regressar.

— Estás demasiado cansada — disse Dorrel. — Passa cá a noite.

Maris afastou os olhos dos dele.

— Não posso. Eles ficam preocupados.

Dorrel suspirou.

— Então leva roupa seca. — Levantou-se, foi até ao fundo da sala de estar, e abriu as portas de um armário de madeira entalhada. — Vem cá e escolhe alguma coisa que te sirva.

Maris não se mexeu.

— É melhor levar a minha roupa. Não vou regressar.

Dorrel praguejou baixinho.

— Maris. Não tornes as coisas... tu sabes que... oh, vem, leva a roupa. Podes ficar com ela, sabes disso. Deixa a tua em troca, se quiseres. Não vou deixar que vás lá para fora com a roupa molhada.

— Desculpa — disse Maris. Garth sorriu-lhe enquanto Dorrel continuava à espera. Ela levantou-se devagar, apertando mais a toalha à sua volta quando se afastou do fogo. Sentia as pontas do cabelo curto e escuro húmidas e frias contra o pescoço. Vasculhou com Dorrel a pilha de roupa até encontrar umas calças e uma camisola castanha de erva-lã que servissem ao seu corpo esguio e rijo. Dorrel viu-a vestir-se, após o que arranhou apressadamente roupa para si. Depois dirigiram-se ao cabide junto da porta e pegaram nas asas. Maris passou os longos dedos fortes pelos tensores em busca de pontos fracos ou de danos; as asas raramente falhavam, mas quando o faziam, o problema estava quase sempre nas juntas. O tecido propriamente dito brilhava, tão suave e forte como quando os navegantes das estrelas tinham vindo montados nele até àquele mundo. Satisfeita, Maris prendeu as asas. Estavam em boa forma; Coll poderia usá-las durante anos, e os seus filhos por gerações depois dele.

Garth viera pôr-se a seu lado. Ela fitou-o.

— Não sou tão bom com as palavras como Coll ou como Dorrel — começou. — Eu... bem. Adeus, Maris. — Corou, com um ar infeliz. Os voadores não diziam adeus uns aos outros. *Mas eu não sou uma voadora*, pensou ela, e por isso abraçou Garth, e beijou-o, e disse adeus, a palavra dos presos à terra.

Dorrel saiu com ela. Os ventos eram fortes, como eram sempre em volta do Ninho, mas a tempestade passara. A única água no ar era a ténue névoa dos borrifos do mar. Mas viam-se as estrelas.

— Pelo menos fica para o jantar — disse Dorrel. — Eu e o Garth lutaríamos pelo prazer de te servirmos.

Maris sacudiu a cabeça. Não devia ter vindo; devia ter voado direta-

mente para casa, sem nunca dizer adeus a Garth ou a Dorrel. Era mais fácil não preparar o fim, era mais fácil fingir que as coisas seriam sempre iguais e depois desaparecer, no fim. Quando chegou à alta falésia dos voadores, a mesma de onde o Corvo saltara tanto tempo antes, estendeu a mão para a de Dorrel e ficaram mais um pouco em silêncio.

— Maris — disse ele por fim, de forma hesitante. Olhava diretamente para o mar, em pé a seu lado, segurando a sua mão. — Maris, podias casar comigo. Eu partilharia as asas contigo... não precisas de desistir por inteiro de voar.

Maris largou-lhe a mão e sentiu-se arder por todo o lado de vergonha. Ele não tinha o direito; era cruel fingir.

— Não digas isso — disse, num sussurro. — As asas não são tuas para as partilhares.

— Tradição — disse ele, num tom de desespero. Maris compreendeu que também ele estava embaraçado. Desejava ajudá-la, não piorar as coisas. — Podíamos experimentar. As asas são minhas, mas tu podias usá-las...

— Oh, Dorrel, não digas isso. O terratenente, o teu terratenente, nunca o permitiria. É mais do que tradição, é a lei. Podiam tirar-te as asas e dá-las a alguém com mais respeito, como fizeram a Lind, o contrabandista. Além disso, mesmo se fugíssemos, para um lugar sem lei nem terratenentes, para um lugar só para nós... durante quanto tempo aguentarias tu partilhar as asas? Comigo, com *qualquer pessoa*? Não percebes? Acabaríamos por odiar-nos. Não sou uma criança que possa treinar enquanto tu descansas. Não posso viver assim, a voar por condescendência, sabendo que as asas nunca poderão ser minhas. E tu fartar-te-ias da maneira como te observaria... nós... oh... — Interrompeu-se, tentando encontrar palavras.

Dorrel ficou em silêncio por um momento.

— Desculpa — disse. — Queria fazer alguma coisa... ajudar-te, Maris. É uma dor insuportável saber o que te vai acontecer. Queria dar-te algo. Não aguento pensar que te vais embora para te transformares...

Ela voltou a pegar-lhe na mão e apertou-a com força.

— Sim, sim. Chiu.

— Sabes que te amo, Maris. Sabes, não sabes?

— Sim, sim. E eu a ti, Dorrel. Mas... nunca casarei com um voador. Agora não. Não poderia. Assassiná-lo-ia pelas asas. — Olhou para ele, tentando aligeirar a verdade sombria das suas palavras. E falhando.

Agarraram-se um ao outro, equilibrados à beira do momento da separação, tentando dizer agora, com a pressão dos corpos, tudo o que poderiam vir a querer dizer um ao outro. Depois afastaram-se e olharam-se através de lágrimas.

Maris atrapalhou-se com as asas, tremendo, subitamente com frio ou-

tra vez. Dorrel tentou ajudar, mas os seus dedos colidiram com os dela, e ambos se riram entrecortadamente da falta de jeito. Maris deixou que ele lhe desdobrasse as asas. Quando uma ficou completamente estendida, e a segunda quase, pensou de repente no Corvo e fez sinal a Dorrel para que se afastasse. Confuso, ele ficou a observá-la. Maris ergueu a asa como se fosse uma idosa cansada do ar, e trancou a última junta no lugar com um puxão forte e limpo. E então ficou pronta a partir.

— Vai bem — disse ele por fim.

Maris abriu a boca, depois fechou-a, acenando tolamente.

— Tu também — acabou por dizer. — Cuida-te, até que... — Mas não conseguiu acrescentar a mentira final, tal como não conseguia dizer-lhe adeus. Virou-se e fugiu dele, após o que se atirou para longe do Ninho, para os ventos noturnos de um céu frio e escuro.

Foi um voo longo e solitário sobre um mar iluminado pelas estrelas em que nada se mexia. Os ventos sopravam constantes de leste, obrigando Maris a ir todo o caminho aos ziguezagues, perdendo tempo e velocidade. Quando localizou a torre luminosa de Pequena Amberly, a sua ilha natal, o meio da noite já chegara e já passara.

Havia outra luz lá em baixo, às voltas na praia de aterragem. Viu-a quando se aproximou ao longo da costa, com suavidade e facilidade, e julgou que provavelmente seriam os homens da residência. Mas eles deviam ter saído de serviço há muito tempo; poucos voadores andavam pelo céu tão tarde. Franziu o sobrolho, confusa, no momento em que atingiu o chão com um violento choque.

Maris gemeu, apressou-se a levantar-se e pôs-se a trabalhar nas presi-lhas. Já devia saber que não era boa ideia distrair-se no momento da aterragem. A luz avançou para ela.

— Então decidiste voltar — disse a voz, dura e zangada. Era Russ, o seu pai (o padrasto, na verdade) que vinha na sua direção com uma lanterna na mão boa, e o braço direito a pender à ilharga, morto e inútil.

— Passei primeiro pelo Ninho — disse ela, na defensiva. — Não te preocupaste, espero.

— Devia ser o Coll a ir, não tu. — As rugas na cara dele estavam duras.

— Ele estava na cama — disse Maris. — Foi demasiado lento... percebi que ele perderia os melhores ventos da tempestade. Não teria apanhado nada a não ser chuva, e teria demorado uma eternidade a chegar lá. Se chegasse. Ainda não é bom à chuva.

— Então tem de aprender a ser melhor. O rapaz tem de cometer agora os seus próprios erros. Tu foste a sua professora, mas depressa as asas serão dele. Será ele o voador, não tu.

Maris estremeceu como se lhe tivessem batido. Aquele era o homem

que lhe ensinara a voar, que fora tão orgulhoso dela e do modo como parecia saber instintivamente o que fazer. As asas seriam dela, dissera-lhe ele mais do que uma vez, apesar de não pertencer ao seu sangue. Ele e a mulher tinham-na acolhido quando parecia que nunca seria pai de uma criança sua para herdar as asas. Tivera o acidente, e perdera o céu, e era importante encontrar um voador que o substituísse — se não fosse alguém do seu sangue, então alguém que amasse. A mulher recusara-se a aprender; vivera trinta e cinco anos como presa à terra, e não tencionava saltar de penhascos, com asas ou sem elas. Além disso, era tarde de mais; os voadores tinham de ser ensinados novos. Portanto fora Maris que ele ensinara, adotara e acabara por amar — Maris, a filha do pescador, que gostava mais de ficar a observar da falésia dos voadores do que de brincar com as outras crianças.

E depois, contra todas as probabilidades, Coll nascera. A mãe morrera depois do parto, prolongado e difícil — Maris, ainda muito criança, lembrava-se de uma noite escura cheia de gente a correr, e, depois, do seu padraço a chorar sozinho num canto — mas Coll sobrevivera. Maris, de súbito uma criança-mãe, acabara por gostar dele, por amá-lo. A princípio não esperavam que o bebé sobrevivesse. Maris ficara feliz quando sobrevivera, e amara-o durante três anos como irmão e filho, enquanto treinava com as asas sob os olhos vigilantes do pai.

Até à noite em que esse mesmo pai lhe dissera que Coll, o bebé Coll, teria de ficar com as *suas* asas.

— Eu sou muito melhor voadora do que ele algum dia será — disse-lhe agora Maris, na praia, com a voz a tremer.

— Não contesto isso. Não muda nada. Ele é do meu sangue.

— Não é justo! — gritou ela, soltando o protesto que estava alojado dentro de si desde o dia em que chegara à maioridade. Nessa altura, Coll era uma criança forte e saudável; ainda demasiado pequeno para usar as asas, mas elas seriam suas no dia em que atingisse a maioridade. Maris não tinha nenhum direito a elas. Era essa a lei dos voadores, uma lei que remontava ao longo das gerações aos próprios navegantes das estrelas, os lendários forjadores das asas. O filho primogénito de cada uma das famílias de voadores herdava as asas do progenitor. A perícia não contava para nada; aquela era uma lei de herança, e Maris provinha de uma família de pescadores que nada tinha para lhe deixar além dos destroços dispersos de um barco de madeira.

— Justo ou não, é a lei, Maris. Já sabes disso há muito tempo, mesmo que escolhas ignorá-lo. Há anos que brincas aos voadores, e eu deixei porque tu adoras voar e porque Coll precisava de um professor, um professor com técnica, e porque esta ilha é grande de mais para depender só de dois voadores. Mas sempre soubeste que este dia chegaria.

Ele podia ser mais gentil, pensou ela, furiosa. Devia saber o que significava abdicar do céu.

— E agora vem comigo — disse ele. — Não voltarás a voar.

Ela ainda tinha as asas completamente estendidas; só um dos tensores fora solto.

— Eu fujo — disse, enlouquecida. — Nunca mais me vês. Vou para alguma ilha onde não tenham voador próprio. Ficarão felizes por me terem a mim, sem se importarem com o modo como obtive as asas.

— Nunca — disse o pai, tristemente. — Os outros voadores evitarão a ilha, como fizeram depois de o terratenente louco de Kennehut ter executado o Voador-Que-Trouxe-Más-Notícias. Em qualquer lugar para onde fosses, tirar-te-iam as asas roubadas. Nenhum terratenente correria esse risco.

— Então parto-as! — disse Maris, à beira da histeria. — Então ele também nunca voará, tal como... como...

Vidro estilhaçou-se na pedra e a luz apagou-se quando o pai deixou cair a lanterna. Maris sentiu a força da sua mão nas dela.

— Não conseguirias mesmo se quisesses. E não farias isso ao Coll. Mas dá-me as asas.

— Eu não faria...

— Não sei o que tu não farias. Hoje de manhã julguei que tinhas partido para te matares, para morreres voando na tempestade. Eu conheço os sentimentos, Maris. Foi por isso que fiquei tão assustado e zangado. Não podes culpar o Coll.

— Não culpo. E não quero impedi-lo de voar... mas desejo tanto voar... Pai, por favor. — Lágrimas escorreram-lhe pelo rosto na escuridão, e aproximou-se mais em busca de consolo.

— Sim, Maris — disse ele. Não conseguia pôr-lhe os braços em volta; as asas impediam-no. — Não há nada que eu possa fazer. É assim que as coisas são. Tens de aprender a viver sem asas, como eu aprendi. Pelo menos tiveste-as durante algum tempo... conheces a sensação de voar.

— Não chega! — disse ela, lacrimosa, teimosa. — Eu pensava que chegaria, quando era pequena, ainda nem sequer tua, só uma estranha e tu eras o maior voador de Amberly. Observava-te e aos outros da falésia e pensava: se pudesse ter asas, nem que fosse por um momento, seria vida suficiente. Mas não é, não é. Não posso abdicar delas.

As linhas duras tinham agora desaparecido todas da cara do pai. Tocou-lhe suavemente na cara, afastando lágrimas.

— Talvez tenhas razão — disse, numa voz baixa e pesada. — Talvez não tenha sido uma coisa boa. Eu pensei que se te pudesse deixar voar um pouco, um bocadinho... que isso seria melhor que nada. Seria um belo presente reluzente. Mas não foi, pois não? Agora nunca poderás ser feliz.

Nunca poderás ser realmente uma presa à terra porque voaste e saberás sempre como estás aprisionada. — As suas palavras pararam abruptamente e Maris compreendeu que ele estava a falar tanto de si próprio como dela.

Ele ajudou-a a tirar as asas e a dobrá-las e voltaram juntos para casa.

Esta era uma simples casa de madeira, rodeada de árvores e terreno. Um ribeiro corria nas traseiras. Os voadores podiam viver bem. Russ deu as boas-noites assim que entrou e levou as asas consigo para cima. Teria realmente perdido toda a confiança?, pensou Maris. *Que fiz eu?* E voltou a sentir vontade de chorar.

Em vez disso deambulou até à cozinha, encontrou queijo, carnes frias e chá, e levou tudo para a sala de jantar. Uma vela de areia em forma de tigela esperava no centro da mesa. Acendeu-a, comeu e observou a dança da chama.

Coll entrou quando estava a terminar a refeição, e parou embaraçado à porta.

— ‘Lá, Maris — disse, hesitante. — Estou contente por teres voltado. Estava à espera. — Era alto para um rapaz de treze anos, com um corpo liso e esguio, longos cabelos louros-arruivados e o insignificante começo de um bigode.

— ‘Lá, Coll — disse Maris. — Não fiques aí. Desculpa-me por ter levado as asas.

Ele sentou-se.

— Eu não me importo, tu sabes. Voas muito melhor que eu e... bem... tu sabes. O pai zangou-se?

Maris confirmou com a cabeça.

Coll fez uma expressão sombria e assustada.

— Já só falta uma semana, Maris. Que vamos nós fazer? — Estava a olhar diretamente para a vela, não para ela.

Maris suspirou e pôs-lhe uma mão amável no braço.

— Vamos fazer o que é preciso, Coll. Não temos alternativa. — Já tinham antes conversado, ela e Coll, e Maris conhecia tão bem a agonia dele como a sua. Era sua irmã, quase sua mãe, e o rapaz partilhara com ela a vergonha e o segredo. Essa era a derradeira ironia.

Então, ergueu os olhos para ela, voltando a olhá-la como um filho olha para a mãe; embora já soubesse que ela era tão impotente como ele, ainda nutria esperança.

— Porque é que não temos alternativa? Não entendo.

Maris suspirou.

— É a lei, Coll. Aqui não nos opomos à tradição, sabes disso. Todos temos deveres que nos são impostos. Se tivéssemos escolha, eu ficaria com

as asas, seria uma voadora. E tu podias ser cantor. Ficaríamos ambos orgulhosos e saberíamos que éramos bons no que fazíamos. A vida será dura como presa à terra. Desejo tanto as asas. Já as tive e não parece certo que me sejam tiradas, mas talvez... talvez a certeza que há nisso seja algo que não consigo ver. Pessoas mais sábias do que eu decidiram que as coisas deviam ser como são e, talvez, talvez, eu esteja só a ser uma criança, desejando que tudo seja à minha maneira.

Coll humedeceu os lábios, nervoso.

— Não.

Maris olhou-o com uma interrogação no rosto.

Ele abanou obstinadamente a cabeça.

— Não está certo, Maris, simplesmente não está. Eu não quero voar, não te quero tirar as asas. É tudo tão estúpido. Estou a magoar-te e não quero, mas também não quero magoar o pai. Como poderei dizer-lhe? Sou seu herdeiro e tudo isso... *espera-se* que eu fique com as asas. Ele odiar-me-ia. As canções não dizem nada sobre voadores com medo do céu como eu tenho. Os voadores *não têm* medo... eu não nasci para ser voador. — As mãos dele tremiam visivelmente.

— Coll, não te preocupes. Vai ficar tudo bem, a sério que vai. A princípio toda a gente tem medo. Eu também tive. — Não estava a pensar na mentira, só em dizer palavras que o sossegassem.

— Mas não é justo — gritou ele. — Eu não quero abdicar do canto, e se voar, não poderei cantar, não poderei cantar como Barrion, como gostaria de cantar. Então porque vão eles obrigar-me? Maris, porque não podes ser *tu* a voadora, como queres ser? *Porquê?*

Ela olhou-o, tão perto de chorar, e apeteceu-lhe juntar-se-lhe nas lágrimas. Não tinha resposta, nem para ele nem para si.

— Não sei — disse, com a voz oca. — Não sei, pequenito. Mas foi assim que as coisas sempre se fizeram, e é assim que têm de ser.

Fitaram-se um ao outro, ambos encurralados, os dois apanhados por uma lei mais antiga do que eles e por uma tradição que nenhum compreendia. Impotentes e magoados, conversaram demoradamente à luz da vela, dizendo as mesmas coisas uma e outra vez até que, tarde, se separaram para se irem deitar, sem nada terem resolvido.

Mas depois de se encontrar sozinha na cama, o ressentimento regressou a Maris numa inundação, e a sensação de perda e, com ela, a vergonha. Nessa noite chorou até adormecer, e sonhou com purpúreos céus de tempestade por onde nunca voaria.

A semana durou uma eternidade.

Por uma dúzia de vezes durante esses dias infinitos, Maris foi até à falésia dos voadores para aí ficar, impotente, de mãos nos bolsos, a fitar o mar. Viu barcos de pesca e gaivotas, e numa ocasião um grupo de gatos-do-mar, de um cinzento lustroso, à caça muito, muito ao largo. Fazia-lhe doer mais o súbito fechamento do mundo que conhecia, o modo como o horizonte parecia minguar à sua volta, mas não conseguia evitar ir até ali. Portanto lá ficava, ávida de vento, mas a única coisa que voava era o seu cabelo.

Uma vez apanhou Coll a observá-la à distância. Depois, nenhum dos dois mencionou o facto.

Era Russ quem tinha agora as asas, as asas *dele*, como sempre tinham sido, como seriam até que Coll as recebesse. Quando Pequena Amberly precisava de um voador era Corm quem respondia ao chamamento, do outro lado da ilha, ou a alegre Shalli, que voara em guarda quando Maris fora uma criança a começar a aprender o sentido simples do céu. No que tocava ao pai, a ilha não tinha terceiro voador, e não o teria até Coll reclamar o seu direito hereditário.

A sua atitude para com Maris também se alterara. Por vezes enfurecia-se com ela quando a encontrava a cismar, por vezes punha-lhe o braço à volta e quase chorava. Não conseguia encontrar meio-termo entre a ira e a piedade; por isso, impotente, tentava evitá-la. Passava o seu tempo com Coll, fingindo-se excitado e entusiástico. O rapaz, um filho cumpridor, tentava capturar e ecoar esse estado de espírito. Mas Maris sabia que também ele ia dar longos passeios e passava muito tempo sozinho com a sua guitarra.

No dia anterior ao da maioridade de Coll, Maris sentou-se bem alto na falésia dos voadores, com as pernas penduradas da borda, a ver Shalli rodopiar em arcos prateados pelo céu do meio-dia. A localizar gatos-do-mar para os pescadores, segundo Shalli, mas Maris sabia que era outra coisa. Fora voadora durante tempo suficiente para reconhecer um voo por prazer quando o via. Até agora, ali encurralada, conseguia sentir um eco distante desse prazer; algo pairava dentro dela sempre que Shalli virava e um feixe de luz prateada do Sol ardia brevemente, vindo de uma asa.

É assim que acaba?, perguntou Maris a si própria. *Não pode ser. Não, foi assim que começou. Eu lembro-me.*

E lembrava-se. Por vezes achava que já observava os voadores mesmo antes de saber andar, embora a mãe, a sua mãe verdadeira, dissesse que não era verdade. Mas Maris tinha memórias bem claras da falésia; fugia e vinha até ali quase todas as semanas quando tinha quatro ou cinco anos. Era ali — *ali* — que se sentava, observando as idas e vindas dos voadores. A mãe encontrava-a sempre e ficava sempre furiosa.

— Tu és uma presa à terra, Maris — dizia, depois de lhe dar uma surra. — Não percas tempo com sonhos tolos. Não quero que a minha filha seja uma asas-de-madeira.

Essa era uma velha história tradicional; a mãe contava-lha de novo sempre que a apanhava no penhasco. O Asas-de-Madeira fora um filho de carpinteiro que queria ser voador. Mas, claro, não pertencia a uma família de voadores. Segundo rezava a história, ele não ligara; não dera ouvidos aos amigos e à família, nada desejava além do céu. Por fim, na oficina do pai, construira para si um belo par de asas: grandes asas de borboleta feitas de madeira esculpida e polida. E toda a gente dissera que eram belas, toda a gente exceto os voadores; os voadores tinham-se limitado a abanar as cabeças em silêncio. Por fim, o Asas-de-Madeira subira à falésia dos voadores. Estes estavam à sua espera lá em cima, mudos, voando aos círculos e às curvas brilhantes e silenciosas à luz da alvorada. O Asas-de-Madeira correu ao seu encontro e caiu às cambalhotas para a morte.

— E a moral da história — dizia sempre a mãe de Maris — é que não deves tentar ser algo que não és.

Mas seria *essa* a moral? A Maris criança não se preocupara com isso; limitara-se a julgar o Asas-de-Madeira um palerma. Mas quando cresceu, a história voltou-lhe frequentemente à memória. Por vezes julgava que a mãe entendera tudo mal. O Asas-de-Madeira ganhara, pensava Maris. Ele *voara*, ainda que apenas por um instante, e isso fazia com que tudo tivesse valido a pena, até a morte. Era uma morte de voador. E os outros, os voadores, não tinham saído para troçar dele, para o prevenir contra fazer aquilo... não, voavam de guarda por ele, porque era apenas um principiante, e porque compreendiam. Os presos à terra riam-se com frequência do Asas-de-Madeira; o nome tornara-se sinónimo de parvo. Mas como podia um voador ouvir a história e fazer outra coisa que não fosse chorar?

Maris pensou então no Asas-de-Madeira, sentada ao frio a ver Shalli voar, e as velhas questões regressaram-lhe à mente. *Valeu a pena, Asas-de-Madeira?*, pensou. *Um instante de voo, e depois a morte eterna? E para mim, valeu a pena? Uma dúzia de anos de ventos de tormenta, e agora uma vida sem eles?*

Quando Russ começara a reparar nela na falésia, fora a criança mais feliz do mundo. Quando a adotara e a empurrara orgulhosamente para o céu, julgara morrer de alegria. O seu verdadeiro pai estava morto, desaparecido com o barco, morto por uma cila furiosa depois de uma tempestade o ter empurrado para muito longe; a mãe ficara feliz por se ver livre dela. Maris saltara para a nova vida, para o céu; parecia que todos os seus sonhos se estavam a realizar. Pensara então que o Asas-de-Madeira tivera a ideia certa. Se sonharmos algo com suficiente força, poderemos obtê-lo.

A sua fé partira quando Coll chegara, quando lhe disseram tudo.

Coll. Tudo voltava a Coll.

Por isso, perdida, Maris pôs todos os pensamentos de lado e assistiu, numa paz melancólica.

O dia chegou, como Maris sabia que teria de chegar.

Foi uma pequena festa, embora o anfitrião fosse o próprio terratenente. Este era um homem corpulento e simpático, com uma cara amável escondida por uma barba que esperava que o tornasse feroz. Quando foi ao encontro deles, à porta, as suas roupas escorriam riqueza: ricos tecidos bordados, anéis de cobre e latão e um pesado colar de verdadeiro ferro forjado. Mas as boas-vindas foram calorosas.

Dentro da residência havia um grande salão de festas. Vigas de madeira nua por cima, archotes a arder brilhantemente ao longo das paredes, um tapete escarlate por baixo. E uma mesa, gemendo sob o peso — kivas das Shotans e os vinhos de Amberly, queijos trazidos de Culhall, fruta das Ilhas Externas, grandes tigelas de salada verde. Na lareira, um gato-do-mar girava num espeto enquanto um cozinheiro o barrava com ervamarga e a sua própria gordura. Era dos grandes, com vez e meia o tamanho de um homem, esfolado da tépida pele azul-acinzentada, deixando uma carcaça em forma de barril que se adelgaçava até um par de poderosas barbatanas. A espessa camada de gordura que protegia o gato-do-mar do frio começara a crepitar e a silvar nas chamas, e o rosto curiosamente felino fora recheado de frutos secos e temperos. Cheirava maravilhosamente.

Os amigos presos à terra estavam todos na festa e aglomeravam-se em volta de Coll, dando os parabéns. Alguns até se sentiram compelidos a falar com Maris, para lhe dizer como ela era sortuda por ter um voador como irmão, por ela própria ter sido voadora. *Ter sido, ter sido, ter sido*. Apeteceu-lhe gritar.

Mas os voadores eram piores. Estavam lá em força, claro. Corm, tão bonito como sempre, escorrendo encanto, reinava a um canto, contando histórias de lugares distantes a raparigas presas à terra de olhos brilhantes. Challi dançava; antes de a noite chegar ao fim, esgotaria meia dúzia de homens com a sua frenética energia. Outros voadores tinham vindo de outras ilhas. Anni de Culhall, o rapaz Jamis, o Novo, Helmer de Grande Amberly, de quem a filha reclamaria as asas dali a menos de um ano, meia dúzia de outros voadores do Ocidente, um grupinho fechado de três orientais. Seus amigos, seus irmãos, seus camaradas no Ninho.

Mas agora evitavam-na. Anni fez-lhe um sorriso educado e afastou o olhar. Jamis transmitiu-lhe os cumprimentos do pai e depois caiu num silêncio desconfortável, mudando o peso de um pé para o outro até que Maris o deixou ir-se embora. O suspiro de alívio do jovem foi quase audível.

Até Corm, que dizia nunca ficar nervoso, parecia pouco à-vontade com ela. Trouxe-lhe um copo de kivas quente, depois viu um amigo do outro lado da sala com quem tinha *absolutamente* de falar.

Sentindo-se isolada e abandonada, Maris arranjou uma cadeira de couro perto da janela. Sentou-se aí a beberricar kivas e a ouvir o vento, que ia aumentando, a puxar pelas persianas. Não os censurava. Como se fala com um voador sem asas?

Sentiu-se contente por Garth e Dorrel não terem ido, nem nenhum dos outros de que acabara por gostar de forma especial. E sentiu-se envergonhada por se sentir contente.

Então houve uma agitação junto da porta e a sua disposição melhorou ligeiramente. Barrion chegara, de guitarra na mão.

Maris sorriu ao vê-lo entrar. Embora Russ o achasse má influência sobre Coll, ela gostava de Barrion. O cantor era um homem alto e marcado pelo tempo, cujas desordenadas guedelhas grisalhas o faziam parecer mais velho do que era. A sua longa cara ostentava os sinais do vento e do sol, mas havia também rugas de riso em volta da sua boca e um humor velhaco nos olhos cinzentos. Barrion tinha uma voz profunda e trovejante, modos irreverentes e um fraco por histórias imaginosas. Dizia-se que era o melhor cantor do Ocidente. Pelo menos Coll dizia-o, e o próprio Barrion também, claro. Mas Barrion também dizia que tinha visitado cem ilhas, coisa impensável para um homem sem asas. E afirmava que a sua guitarra chegara havia sete séculos da Terra, com os próprios navegantes das estrelas. A sua família passara-a de geração em geração, dizia, todo sério, como se esperasse que Coll e Maris acreditassem. Mas a ideia era disparatada — tratar uma guitarra como se fosse um par de asas!

Contudo, mentiroso ou não, o esgalgado Barrion era bastante divertido, e bastante romântico, e cantava como o próprio vento. Coll estudara com ele e agora eram grandes amigos.

O terratenente deu-lhe uma valente palmada nas costas e Barrion riu-se, sentou-se e preparou-se para cantar. A sala silenciou-se; até Corm parou a meio de uma história.

Barrion começou com a Canção dos Navegantes das Estrelas.

Era a mais velha das baladas, a primeira daquelas a que podiam legitimamente chamar suas. Barrion cantava-a com simplicidade, com uma familiaridade fácil e afetuosa, e a disposição de Maris suavizou-se ao som da sua voz profunda. Quantas vezes ouvira Coll, noite avançada, a dedilhar o seu instrumento e a cantar a mesma canção? A voz do rapaz estava nessa época em mudança; deixava-o furioso. De três em três estrofes, a canção era interrompida por uma hedionda nota falhada e um minuto de pragas.

Maris costumava ficar deitada, a rir descontroladamente dos sons que vinham do fundo do corredor.

Agora escutava as palavras, enquanto Barrion cantava docemente sobre os navegantes das estrelas e a sua grande nave, com as velas prateadas que se estendiam ao longo de duzentos quilómetros para capturar os violentos ventos estelares. Estava lá a história completa. A tempestade misteriosa, a nave danificada, os caixões onde eles tinham morrido por algum tempo; e depois, empurrados para fora de rota, tinham vindo para *ali*, para um mundo de oceano infinito e violentas tempestades, um mundo em que a única terra era um milhar de ilhas rochosas por ele espalhadas, e onde os ventos sopravam constantemente. A canção falava do pouso, numa nave que não fora concebida para pousar, da morte de milhares nos seus caixões, e do modo como a vela — pouco mais pesada que o ar — flutuara no mar, transformando a água em prata em volta das Shotans. Barrion cantou sobre a magia dos navegantes das estrelas, sobre o seu sonho de reparar a nave, e sobre a lenta morte agonizante desse sonho. Demorou-se, melancólico, nos poderes em enfraquecimento das suas máquinas mágicas, um enfraquecimento que terminou nas trevas. Por fim chegou a batalha, mesmo ao largo de Grande Shotan, quando o Velho Capitão e os seus lealistas caíram a defender as preciosas velas de metal contra os filhos. Depois, com a última magia, os filhos e filhas dos navegantes das estrelas, os primeiros filhos de Windhaven, cortaram as velas aos bocados, leves, flexíveis, imensamente fortes. E, com o metal que conseguiram recuperar da nave, forjaram as asas.

Porque as pessoas dispersas de Windhaven precisavam de comunicações. Sem combustível, sem metais, colocados perante oceanos cheios de tempestades e predadores, sem nada lhes ser dado gratuitamente exceto os ventos poderosos: a decisão era fácil.

Os últimos acordes desvaneceram-se no ar. Pobres navegantes, pensou Maris, como sempre. O Velho Capitão e a tripulação — também eles eram voadores, embora as suas asas fossem asas das estrelas. Mas a sua maneira de voar tinha de morrer para uma nova nascer.

Barrion sorriu ao pedido de alguém e deu início a uma nova melodia. Cantou meia dúzia de canções da antiga Terra, e depois olhou em volta com um ar envergonhado e ofereceu-lhes uma composição sua, uma picante canção de bebedeira sobre uma cila excitada que confundiu um navio de pesca com o parceiro. Maris quase não ouviu. Ainda tinha os navegantes das estrelas na mente. De certa forma, eles eram como o Asas-de-Madeira, pensou; não conseguiram desistir do seu sonho. E isso queria dizer que tinham de morrer. *Pergunto a mim própria se acharam que valeu a pena.*

— Barrion — chamou Russ do meio da sala. — Isto é um dia de maioridade de um voador. Dê-nos canções de voar!

O cantor sorriu e acenou com a cabeça. Maris olhou para Russ. Estava em pé ao lado da mesa, com um copo de vinho na mão boa, um sorriso no rosto. *Está orgulhoso, pensou. O filho será em breve voador, e esqueceu-me.* Sentiu-se doente e derrotada.

Barrion cantou canções de voar; baladas das Ilhas Externas, das Shotans, de Culhall, das Amberlys e de Poweet. Cantou sobre os voadores fantasmas, perdidos para sempre sobre os mares quando obedeceram ao Capitão-Terratenente e levaram espadas para o céu. Ainda é possível vê-los no ar parado, a vaguear inutilmente através das tempestades, apoiados em asas fantasmagóricas. Pelo menos é o que dizem as lendas. Mas os voadores que deparam com o ar parado raramente regressam para contar a história, portanto ninguém pode afirmá-lo com certeza.

Cantou a canção do Royn de cabelos brancos, que tinha mais de oitenta anos quando encontrou o neto voador morto numa querela de amantes e levou as asas para perseguir e matar o culpado.

Cantou a balada de Aron e Jeni, a mais triste de todas as canções. Jeni fora presa à terra e, pior, aleijada; incapaz de andar, vivia com a mãe, lavadeira, e sentava-se todos os dias à janela a observar a falésia dos voadores na Pequena Shotan. Fora aí que se apaixonara por Aron, um voador elegante e bem-disposto e, nos seus sonhos, ele também a amava. Mas um dia, sozinha em casa, vira-o brincar no ar com outra voadora, uma mulher de cabelo claro, e quando aterraram, beijaram-se. Quando a mãe voltara para casa, Jeni estava morta. Aron, quando lhe contaram, não quisera deixar que enterrassem a mulher que nunca conhecera. Levou-a nos braços e transportou-a até ao topo da falésia; depois, pendurando-a por baixo do seu corpo, cavalgara os ventos até bem longe, sobre o mar, e dera-lhe um enterro de voadora.

O Asas-de-Madeira também tinha uma canção, embora não fosse lá muito boa; fazia dele um palerma cómico. Mas Barrion cantou-a, e também a canção sobre o Voador-Que-Trouxe-Más-Notícias, e a Dança do Vento, a canção de casamento dos voadores, e uma dúzia de outras. Maris quase não se conseguia mexer, de tão absorvida que estava. O kivas estava frio como chuva na sua mão, esquecido perante as palavras. Era uma sensação boa, uma inquieta, perturbadora, gloriosa tristeza, e trouxe-lhe à mente memórias dos ventos.

— O teu irmão é um voador nato — sussurrou uma voz suave junto dela, e viu que Corm estava apoiado no braço da sua cadeira. Fez um gesto elegante com o copo de vinho, indicando o lugar onde Coll se sentava aos pés de Barrion. O jovem tinha as mãos bem apertadas em volta dos joelhos e a expressão no seu rosto era de arrebatamento.

— Vê como as canções o tocam — disse Corm com descontração. —

São só canções para um preso à terra, mas são mais, muito mais, para um voador. Tu e eu sabemos disso, Maris, e o teu irmão também sabe. Percebo isso ao vê-lo. Sei como deve ser para ti, mas pensa nele, rapariga. Ele ama tanto o voo como tu.

Maris ergueu o olhar para Corm e quase se riu da sabedoria do outro. Sim, Coll parecia em êxtase, mas só ela sabia porquê. Era o canto que ele amava, não o voo; as canções, não o assunto. Mas como podia Corm saber isso, o sorridente e belo Corm que era tão seguro de si e tão pouco sabia?

— Achas que só os voadores sonham, Corm? — perguntou-lhe num sussurro, após o que afastou rapidamente o olhar para onde Barrion estava a concluir uma canção.

— Há mais canções de voar — disse Barrion. — Se as cantar a todas, ficaremos aqui a noite inteira e não chegarei a comer. — Olhou para Coll. — Espera. Aprenderás mais do que eu algum dia saberei quando chegares ao Ninho. — Corm, ao lado de Maris, ergueu o copo numa saudação.

Coll levantou-se.

— Quero cantar uma.

Barrion sorriu.

— Acho que te posso confiar a minha guitarra. Talvez a mais ninguém, mas a ti sim. — Levantou-se, cedendo o lugar ao jovem calado e pálido.

Coll sentou-se e dedilhou nervosamente, mordendo o lábio. Ergueu olhos pestanejantes para os archotes, olhou para Maris, voltou a pestanejar.

— Quero cantar uma canção nova, sobre um voador. Eu... bem, fui eu que a fiz. Não estava lá, percebem, mas ouvi a história e, bem, é tudo verdade. Aquilo *devia* ser uma canção e não era, até agora.

— Bem, então canta-a, rapaz — trovejou o terratenente.

Coll sorriu e voltou a olhar para Maris de relance.

— Chamo a isto A Queda do Corvo.

E cantou-a.

Com clareza e pureza, com uma voz bela, tal como acontecera. Maris observou-o de olhos esbugalhados, escutando com assombro. Ele acertara em tudo. Até apanhara o sentimento, o peso que nela se torcera quando as asas dobradas do Corvo desabrocharam, brilhantes como um espelho ao sol, e ele subira para longe da morte. Todo o amor inocente que sentira por ele estava na canção de Coll; o Corvo sobre quem ele cantava era um glorioso príncipe alado, escuro, ousado e desafiador. Como Maris o julgara em tempos.

Ele tem um dom, pensou Maris. Corm olhou para ela e disse:

— O quê?

E de súbito ela percebeu que murmurara as palavras.

— O Coll — disse, em voz baixa. As últimas notas da canção ressoa-

vam-lhe nos ouvidos. — Ele podia ser melhor que Barrion se tivesse uma oportunidade. Fui eu que lhe contei aquela história, Corm. Eu estava lá, com uma dúzia de outros, quando o Corvo fez o seu truque. Mas nenhum de nós podia tê-lo tornado belo, como o Coll fez. Ele tem um dom muito especial.

Corm sorriu-lhe com complacência.

— É verdade. No próximo ano vamos arrasar o Oriente na competição de canto.

E Maris fitou-o, de súbito furiosa. *Está tudo tão errado*, pensou. Do outro lado da sala, Coll observava-a, com uma pergunta nos olhos. Maris acenou-lhe, e ele fez um sorriso orgulhoso. Saía-se bem.

E ela decidira.

Mas nesse momento, antes de Coll poder dar início a outra canção, Russ avançou.

— E agora — disse. — Agora temos de passar a coisas sérias. Tivemos cantos e conversas, boa comida e boa bebida aqui no quentinho. Mas lá fora estão os ventos.

Todos escutaram com gravidade, como era próprio, e o som dos ventos, um pano de fundo esquecido durante tanto tempo, pareceu então encher a sala. Maris ouviu-o, e estremeceu.

— As asas — disse o pai.

O terratenente avançou, trazendo-as nas mãos como o legado que eram. Proferiu as palavras rituais:

— Há muito que estas asas servem Amberly, ligando-nos há gerações a todo o povo de Windhaven, desde os dias dos navegantes das estrelas. Marion, filha de um navegante das estrelas, voou com elas, e a sua filha Jeri, e o filho desta Jon, e Anno, e Flan, e Denis... — a genealogia prolongou-se durante muito tempo — ... e por fim Russ e a sua filha Maris. — Houve uma ligeira perturbação na multidão perante a menção inesperada a Maris. Ela não fora uma verdadeira voadora e não devia ter sido nomeada. Maris pensou que estavam a atribuir-lhe o nome de voadora ao mesmo tempo que lhe tiravam as asas. — E agora o jovem Coll ficará com elas, e agora, como outros terratenentes têm feito há gerações, pego-lhes por um breve momento para lhes trazer sorte com o meu toque. E, através de mim, todo o povo da Pequena Amberly toca nestas asas e com a minha voz diz “Voa bem, Coll!”

O terratenente entregou as asas dobradas a Russ, o qual lhes pegou e se virou para Coll. Este estava já em pé, com a guitarra a seus pés, e parecia muito pequeno e muito pálido.

— Está na altura de alguém se tornar voador — disse Russ. — Está na altura de eu transmitir as asas e de Coll as aceitar, e seria uma loucura pren-

der umas asas dentro de casa. Vamos para o penhasco dos voadores ver um rapaz tornar-se homem.

Os porta-archotes, todos voadores, estavam prontos. Abandonaram a residência, com Coll em lugar de honra entre o pai e o terratenente, os voadores logo atrás com os archotes. Maris e o resto do grupo seguiram-nos mais para trás.

Era uma caminhada de dez minutos, passos lentos num silêncio de outro mundo, antes de pararem num semicírculo irregular na plataforma da falésia. Sozinho à borda, Russ, só com uma mão e desdenhando ajudas, prendeu as asas ao filho. A cara de Coll estava branca como cal. Manteve-se muito imóvel enquanto Russ desdobrava as asas, olhando diretamente para o abismo na sua frente, onde vagas escuras esgatanhavam a praia.

Por fim, ficou feito.

— Meu filho, és um voador — disse Russ, e depois recuou com os outros, para perto de Maris. Coll ficou sozinho sob as estrelas, empoleirado na borda, com as imensas asas prateadas a fazê-lo parecer ainda mais pequeno do que antes. Maris quis gritar, interromper, fazer alguma coisa; sentia as lágrimas na cara. Mas não se podia mexer. Como todos os outros, esperou o tradicional primeiro voo.

E Coll, por fim, enchendo de repente os pulmões de ar, saltou da falésia.

O último passo da sua corrida foi um tropeção e o jovem mergulhou para fora de vista. A multidão correu em frente. Quando os convivas chegaram à borda, ele recuperara e estava a subir devagar. Descreveu um largo círculo sobre o oceano, depois planou para perto da falésia, depois outra vez para mais longe. Por vezes os jovens voadores davam espetáculo aos amigos, mas Coll não era exibicionista. Um espectro alado e prateado, vagueou desajeitadamente e um pouco perdido por um céu que não era o seu lar.

Outras asas estavam a ser montadas; Corm, Shali e os outros preparavam-se para voar. Em breve se juntariam a Coll no céu, passariam algumas vezes em formação, e depois deixariam para trás os presos à terra e voariam para o Ninho, a fim de passarem o resto da noite celebrando o seu membro mais recente.

Mas antes de algum deles ter tempo de saltar, o vento mudou; Maris sentiu-o com a percepção de uma voadora. E ouviu-o, uma ventania fria que guinchava, desamparada, nos cumes rochosos do pico; e acima de tudo viu-o, pois, sobre as vagas, Coll vacilou visivelmente. Mergulhou um pouco, lutou para se salvar, entrou numa súbita pirueta. Alguém susteve a respiração. Depois, outra vez, depressa, voltou ao controlo da situação, e dirigiu-se para eles. Mas lutando, lutando. Era um vento duro, agreste, que o puxava

para baixo; o tipo de vento que um voador tinha de adular, acalmar e domar. Coll lutava contra ele, e o vento estava a derrotá-lo.

— Ele está em sarilhos — disse Corm, e o belo voador arremessou para fora os últimos tensores das asas com um estalido. — Eu voo de guarda. — E com aquilo saltou subitamente para o ar.

Mas tarde de mais para ser de grande ajuda. Coll, com as asas a oscilar de um lado para o outro enquanto era esbofeteado pela súbita turbulência, dirigia-se para a praia de pouso. Fora tomada uma decisão sem palavras, e o grupo avançou como um só ao seu encontro, com Maris e o pai na liderança.

Coll desceu depressa, depressa de mais. Não estava a cavalgar o vento; não, estava a ser empurrado. As suas asas abanavam enquanto ele descia, e inclinou-se, e a ponta de uma asa roçou pelo chão enquanto a outra apontava para cima, para o céu. Mal, mal, tudo mal. Enquanto eles corriam para a praia, viu-se uma grande nuvem de areia seca, e depois soou o súbito e horrível som do metal a partir-se, e Coll estava caído, jazendo em segurança na areia.

Mas tinha a asa esquerda flácida e quebrada.

Russ foi o primeiro a chegar junto dele, ajoelhou-se e começou a trabalhar nas correias. Os outros reuniram-se à volta. Depois Coll levantou-se um pouco, e viram que ele tremia, de olhos cheios de lágrimas.

— Não te preocupes — disse Russ numa voz falsamente animada. — Foi só um tensor, filho. Andam sempre a partir-se. Reparamo-lo sem dificuldade. Estavas um bocado tremido, mas todos estamos da primeira vez que subimos. Da próxima será melhor.

— Da próxima, da próxima, da próxima — disse Coll. — Não sou capaz, não sou capaz, pai. Não *quero* uma próxima vez! Não *quero* as suas asas! — Estava agora a chorar abertamente, e o seu corpo era sacudido pelos soluços.

Os convidados ficaram imóveis, num choque mudo, e a cara do pai tornou-se severa.

— Tu és meu filho e um voador. Haverá uma próxima vez. E tu aprenderás.

Coll continuou a tremer e a soluçar, agora já sem as asas que estavam soltas a seus pés, partidas e inúteis, pelo menos por agora. Não haveria nenhum voo para o Ninho naquela noite.

O pai estendeu a mão boa e agarrou no filho pelo ombro, sacudindo-o.

— Estás a ouvir? Estás a *ouvir*? Não quero ouvir esses disparates. Ou tu voas, ou não és meu filho.

O súbito desafio de Coll desaparecera por completo. Acenou com a cabeça, retendo as lágrimas, e olhou para cima.

— Sim, pai — disse. — Desculpe. Só me assustei lá fora, não queria dizer aquilo. — *Ele tem só treze anos*, recordou Maris enquanto o observava entre os convidados. *Tem treze anos, está assustado, e não é voador nenhum.* — Não sei porque o disse. Não falava a sério.

E Maris encontrou a voz.

— Falavas, sim — disse alto, lembrando-se de como Coll cantara sobre o Corvo, lembrando-se da decisão que tomara. Os outros viraram-se para a fitar, chocados, e Shalli pôs-lhe uma mão moderadora no braço. Mas Maris sacudiu-a e avançou até parar entre Coll e o pai.

— Ele falava a sério — disse com calma, a voz firme e segura enquanto o coração tremia. — Não vê, pai? Ele não é um voador. É um bom filho, e deve ter orgulho dele, mas nunca amará o vento. Não me importo com o que a lei diz.

— Maris — disse Russ, e nada havia de caloroso na sua voz, só desespero e dor. — Queres tirar as asas ao teu próprio irmão? Julgava que o amavas.

Uma semana antes, Maris teria chorado, mas agora todas as suas lágrimas tinham sido gastas.

— Mas amo, e quero que tenha uma vida longa e feliz. Ele não será feliz como voador; só voa para o deixar *a si* orgulhoso. O Coll é um cantor, e dos bons. Porque tem de lhe roubar a vida que ama?

— Eu não roubo nada — disse Russ com frieza. — A tradição...

— Uma tradição estúpida — interrompeu uma nova voz. Maris procurou o aliado e viu Barrion a abrir caminho por entre a multidão. — Maris tem razão. Coll canta como um anjo, e todos vimos como voa. — Olhou com desprezo para os voadores presentes em redor. — Vocês, os voadores, são tais criaturas de hábito que se esqueceram de como se pensa. Seguem a tradição cegamente, sem se importarem com quem se magoa.

Quase sem ser notado, Corm aterrara e dobrara as asas. Nessa altura parou na frente deles, com a cara lisa enrubescida de ira.

— Foram os voadores e as suas tradições que fizeram Amberly grande, que deram mil vezes forma à própria história de Windhaven. Não importa quão bem cante, Barrion, você não está acima da lei. — Olhou para Russ e prosseguiu: — Não te preocupes, amigo. Nós faremos do teu filho um voador tal como Amberly nunca viu.

Mas então Coll ergueu o olhar e, embora as lágrimas ainda fluíssem, apareceu de súbito também ira no seu rosto, e além disso determinação.

— Não! — gritou, e o olhar que deitou a Corm era de desafio. — Não vão transformar-me em nada que eu não queira ser e não interessa quem são. Eu não sou um covarde, não sou um bebé, mas não quero voar, não quero, NÃO QUERO! — As suas palavras eram uma torrente, praticamente gritadas ao vento, enquanto o seu segredo jorrava para o mundo e todas

as barreiras caíam ao mesmo tempo. — Vocês, os voadores, julgam-se tão bons, julgam que todos os demais estão abaixo de vocês, mas não são, sabem?, não são. O Barrion esteve em cem ilhas, e conhece mais canções do que uma dúzia de voadores. Não me interessa o que você pensa, Corm. Ele não é preso à terra; embarca em navios quando todos os outros estão demasiado assustados. Vocês, voadores, ficam longe das cilas, mas Barrion matou um dia uma com um arpão, de dentro de um barquinho de madeira. Aposto que não sabiam disso. Eu também posso ser como ele. Tenho talento. Ele vai para as Ilhas Externas e quer que eu vá com ele, e disse-me uma vez que um dia me daria a guitarra. Ele pode pegar no voo e torná-lo belo com as suas palavras, mas pode fazer o mesmo com a pesca, com a caça, com *qualquer coisa*. Os voadores não são capazes disso, mas ele é. É *Barrion!* É um *cantor*, e isso é tão bom como ser um voador. E eu também consigo fazê-lo, como fiz esta noite com o Corvo. — Fitou Corm com ódio. — Leve as suas velhas asas, dê-as a Maris, a voadora é ela — gritou, pontapeando o tecido flácido que estava no chão. — Eu quero ir com Barrion.

Houve um horrível silêncio. Russ ficou mudo durante muito tempo, e depois olhou para o filho com uma cara que estava mais velha do que alguma vez estivera.

— As asas não são dele para que as leve, Coll — disse. — Eram as minhas asas, e as do meu pai, e da mãe dele antes dele, e eu queria... queria... — A voz quebrou-se-lhe.

— Você é responsável por isto — disse Corm numa voz zangada, deitando um relance a Barrion. — E tu também, sim, *tu*, a sua própria irmã — acrescentou, virando o olhar para Maris.

— Está bem, Corm — disse ela. — Somos responsáveis, eu e Barrion, porque amamos Coll e queremos vê-lo feliz... e vivo. Os voadores seguem a tradição há demasiado tempo. Barrion tem razão, não percebes? Todos os anos maus voadores recebem as asas dos pais e morrem com elas, e Windhaven fica mais pobre, porque as asas não podem ser substituídas. Quantos voadores havia nos tempos dos navegadores das estrelas? E quantos há hoje? Não vês o que a tradição nos está a fazer? As asas são um legado; deviam ser usadas por aqueles que amam o céu, os que voarem melhor e as mantiverem melhor. Mas em vez disso, a nossa única medida para conceder asas é o nascimento. O nascimento, não a técnica; mas a técnica é tudo o que protege um voador da morte, tudo o que interliga Woodhaven.

Corm soltou uma fungadela.

— Isto é uma vergonha. Não és voadora, Maris, e não tens o direito de falar sobre estes assuntos. As tuas palavras desonram o céu e violas todas as tradições. Se o teu irmão decidir abdicar do seu direito hereditário, mui-

to bem. Mas não troçará da nossa lei para entregar as asas a qualquer um que escolha. — Olhou em volta para a multidão silenciada pelo choque. — Onde está o terratenente? Diga-nos qual é a lei!

A voz do terratenente soou baixa, perturbada.

— A lei... a tradição... mas este caso é tão especial, Corm. Maris serviu bem Amberly, e todos sabemos como voa. Eu...

— A lei — insistiu Corm.

O terratenente abanou a cabeça.

— Sim, é esse o meu dever, mas... a lei diz que... que se um voador renunciar às asas, estas serão levadas por outro voador da mesma ilha, o mais velho, e ele e o terratenente ficarão com elas até que um novo portador das asas seja escolhido. Mas Corm, nunca nenhum voador renunciou às asas... a lei só é usada quando um voador morre sem herdeiro, e aqui, neste caso, Maris é...

— A lei é a lei — disse Corm.

— E você quer segui-la cegamente — interveio Barrion.

Corm ignorou-o.

— Eu sou o voador sênior de Pequena Amberly, visto que Russ transmitiu as asas. Eu conservá-las-ei até encontrarmos alguém digno de ser voador, alguém que reconheça a honra e cumpra as tradições.

— Não! — gritou Coll. — Quero que seja Maris a ficar com as asas.

— Não tens voto na matéria — disse-lhe Corm. — És um preso à terra. — E ao dizê-lo, baixou-se e pegou nas asas partidas e abandonadas. Começou a dobrá-las metodicamente.

Maris olhou em volta em busca de ajuda, mas era inútil. Barrion abriu as mãos, Shali e Helmer não quiseram olhá-la nos olhos, e o pai estava quebrado e choroso, já não voador, nem sequer em nome, só um velho aleijado. Os convivas, um por um, começaram a afastar-se.

O terratenente veio ter com ela.

— Maris — começou. — Lamento. Eu dar-te-ia as asas se pudesse. A lei não se destina a isto... não foi concebida como castigo. Mas é lei dos voadores, e eu não me posso opor aos voadores. Se contrariar Corm, Pequena Amberly será como Kennehut e as canções chamar-me-ão louco.

Maris anuiu.

— Eu compreendo — disse. Corm, com as asas debaixo dos braços, saía da praia a passos largos.

O terratenente virou-se e foi-se embora, e Maris avançou pela areia até Russ.

— Pai... — começou.

Ele ergueu o olhar.

— Tu não és minha filha — disse, e virou-lhe deliberadamente as cos-

tas. Maris ficou a ver o velho a afastar-se, hirto, caminhando com dificuldade, dirigindo-se para o interior a fim de esconder a vergonha.

Por fim, ficaram os três sozinhos na praia de pouso, mudos e derrotados. Maris foi ter com Coll, pôs-lhe as mãos em volta do corpo e abraçou-o. Agarraram-se um ao outro, de momento duas crianças em busca de conforto que não podiam fornecer.

— Eu tenho alojamento — disse Barrion por fim, despertando-os com a voz. Separaram-se, vacilantes, viram o cantor pôr a guitarra a tiracolo, e seguiram-no para casa.

*

Para Maris, os dias que se seguiram foram escuros e intranquilos.

Barrion vivia numa pequena cabana perto do porto, mesmo ao lado de um atracadouro deserto e apodrecido, e foi aí que ficaram. Coll estava mais feliz do que Maris alguma vez o vira; cantava todos os dias com Barrion e sabia que afinal ia ser um cantor. Só o facto de Russ se recusar a vê-lo incomodava o rapaz, e mesmo isso era esquecido com frequência. Ele era novo e descobrira que muitos dos rapazes da sua idade o olhavam com uma admiração culpada, como um rebelde, e exultava com a sensação.

Mas para Maris as coisas não eram assim tão fáceis. Raramente saía da cabana, exceto para vaguear pelo atracadouro ao pôr-do-sol e observar o regresso dos barcos de pesca. Só conseguia pensar na sua perda. Estava encurralada e impotente. Tentara com toda a força que conseguira reunir, fizera o que estava certo, mas mesmo assim as suas asas tinham desaparecido. A tradição decidira, como um terratenente louco e cruel, e agora mantinha-a prisioneira.

Duas semanas após o incidente na praia, Barrion regressou à cabana depois de um dia passado nas docas, onde ia todos os dias aprender novas canções com os pescadores de Amberly e cantar nas estalagens dos cais. Enquanto comia tigelas de estufado quente e cheio de carne, olhou para Maris e para o rapaz e disse:

— Arranjei um barco. Dentro de um mês parto para as Ilhas Externas. Coll sorriu, ansioso.

— Nós também?

Barrion confirmou com a cabeça.

— Tu sim, claro. E Maris?

Ela abanou a cabeça.

— Não.

O cantor suspirou.

— Não ganhas nada em ficar aqui. As coisas serão difíceis para ti em

Amberly. Até para mim os tempos estão a tornar-se difíceis. O terratenente age contra mim, incentivado por Corm, e as pessoas respeitáveis estão a começar a evitar-me. Além do mais, há muito mundo para ver. Vem conosco. — Sorriu. — Talvez até a *ti* consiga ensinar a cantar.

Maris brincou com o estufado.

— Eu canto pior do que o meu irmão voa, Barrion. Não, não posso ir. Sou uma voadora. Tenho de ficar e voltar a ganhar as minhas asas.

— Admiro-te, Maris — disse ele — mas não há esperança na tua luta. Que podes fazer?

— Não sei. Alguma coisa. Talvez o terratenente. Posso ir ter com ele. O terratenente faz a lei e simpatiza comigo. Se vir que é melhor para o povo de Amberly, então...

— Ele não pode desafiar Corm. Isto tem a ver com a lei dos voadores e o terratenente não tem qualquer controlo sobre ela. E além disso... — Hesitou.

— O quê?

— Há novidades. Estão por todo o lado nas docas. Arranjaram um novo voador. Um velho, na verdade. Devin de Gavora vem de barco a caminho daqui para tomar residência e usar as tuas asas. — Observou-a atentamente, com a preocupação escrita no rosto.

— Devin! — Maris bateu com o garfo na mesa e pôs-se em pé. — Será que as leis deles os cegaram para o bom senso? — Pôs-se a andar de um lado para o outro na sala. — Devin é pior voador do que Coll algum dia foi. Perdeu as asas quando desceu demasiado e raspou na água. Se não fosse um navio que passava ali perto, estaria morto. E Corm quer dar-lhe outro par?

Barrion fez um sorriso amargo.

— Ele é um voador e mantém as velhas tradições.

— Há quanto tempo partiu?

— Segundo o que se diz, há alguns dias.

— É uma viagem de duas semanas, pelo menos — disse Maris. — Se eu quiser agir, terá de ser antes de ele chegar cá. Depois de usar as asas, serão dele, e estarão perdidas para mim.

— Mas Maris — disse Coll — que podes tu fazer?

— Nada — disse Barrion. — Oh, podíamos roubar as asas, claro. Corm mandou-as reparar, estão tão boas como novas. Mas para onde irias? Nunca encontrarias boas-vindas. Desiste, rapariga. Não podes alterar a lei dos voadores.

— Ah não? — disse ela. De súbito, a sua cara mostrou animação. Parou de andar e encostou-se à mesa. — Tens a certeza? As tradições *nunca* foram mudadas? De onde vieram?

Barrion pareceu confuso.

— Bem, houve o Conselho, logo depois de o Velho Capitão ser morto, quando o Capitão-Terratenente de Grande Shotan distribuiu as asas recém-forjadas. Foi nessa altura que ficou decidido que nenhum voador alguma vez levaria uma arma para o céu. Recordavam-se da batalha e do modo como os velhos navegantes das estrelas usaram os últimos dois trenós celestes para fazer chover fogo do céu.

— Sim — disse Maris — e lembra-te de que houve também dois outros Conselhos. Gerações depois desse, quando outro Capitão-Terratenente quis vergar os outros terratenentes à sua vontade e pôr todo o Windhaven sob o seu controlo, enviou os voadores de Grande Shotan para o céu com espadas para atacar Pequena Shotan. E os voadores das outras ilhas reuniram-se em Conselho e condenaram-no, depois de os seus voadores fantasmas terem desaparecido. E assim passou a ser o último Capitão-Terratenente, e agora Grande Shotan é só mais uma ilha.

— Sim — disse Coll — e foi no terceiro Conselho que todos os voadores votaram não aterrar em Kennehut, depois de o Terratenente Louco ter matado o Voador-Que-Trouxe-Más-Notícias.

Barrion estava a acenar com a cabeça.

— Muito bem. Mas nenhum Conselho foi convocado desde essa altura. Tens a certeza que se reuniriam?

— Claro que sim — disse Maris. — É uma das preciosas tradições de Corm. Qualquer voador pode convocar um Conselho. E eu podia apresentar aí o meu caso a todos os voadores de Windhaven, e...

Parou. Barrion fitou-a, e ela fitou-o, e o mesmo pensamento surgira nas mentes de ambos.

— Qualquer voador — disse ele, sem dar voz à ênfase.

— Mas eu não sou voadora — disse Maris. Deixou-se cair na cadeira. — E o Coll renunciou às asas, e Russ... mesmo se ele quisesse receber-nos... transmitiu-as. O Corm nunca aceitaria o nosso pedido. A palavra não seria passada.

— Podias pedir a Shalli — sugeriu Coll. — Ou esperar na falésia dos voadores, ou...

— Shalli está demasiado subalternizada a Corm e demasiado assustada — disse Barrion. — Eu ouço as histórias. Está triste por ti, como o terratenente, mas não quebrará a tradição. Corm podia tentar tirar-lhe as asas também. E os outros... com quem poderias contar? E durante quanto tempo poderias esperar? Quem nos visita com mais frequência é Helmer, mas esse é tão conservador como Corm. Jamis é novo de mais, e por aí fora. Estarias a pedir-lhes para correrem um risco bem grande. — Abanou a cabeça, com uma expressão de incerteza. — Não resultará. Nenhum voador

falará por ti, pelo menos a tempo. Dentro de duas semanas Devin estará a usar as tuas asas.

Os três ficaram em silêncio. Maris fitou o prato de estufado frio. *Não há maneira*, pensou, *não há mesmo nenhuma maneira?* Depois olhou para Barrion.

— Há bocado — começou, com grande cautela — mencionaste qualquer coisa sobre roubar as asas...

*

O vento soprava frio e húmido, furioso, chicoteando as vagas; uma tempestade estava em construção no céu oriental.

— Bom tempo para voar — disse Maris. O barco oscilava suavemente debaixo dela.

Barrion sorriu e aconchegou-se um pouco melhor na capa para afastar a humidade.

— Se ao menos pudesses voar um pouco... — disse.

Os olhos dela dirigiram-se à costa, onde a casa de madeira escura de Corm se erguia em frente das árvores. Havia uma luz acesa numa janela do primeiro andar. Três dias, pensou Maris amargamente. Por aquela altura, ele já devia ter sido chamado. Durante quanto tempo poderiam dar-se ao luxo de esperar? Cada hora trazia para mais perto Devin, o homem que lhe queria levar as asas.

— Achas que será esta noite? — perguntou a Barrion.

Este encolheu os ombros. Estava a limpar as unhas com um longo punhal, concentrado na tarefa.

— Devias saber melhor do que eu — disse, sem erguer o olhar. — A luz da torre continua apagada. Com que frequência são os voadores chamados?

— Com frequência — disse Maris, pensativa. Mas seria Corm chamado? Já tinham passado duas noites a flutuar ao largo, na esperança de uma convocatória o levar a afastar-se das asas. Era possível que o terratenente estivesse a usar apenas Shalli até à chegada de Devin. — Não gosto disto — disse. — Temos de fazer alguma coisa.

Barrion enfiou o punhal na bainha.

— Eu podia usar isto no Corm, mas não o vou fazer. Estou contigo, Maris, e o teu irmão é praticamente um filho para mim, mas não vou matar por um par de asas. Não. Esperamos até que a luz na torre chame por Corm, e depois assaltamos a casa. Tudo o resto é demasiado arriscado.

Matar, pensou Maris. Chegar-se-ia a tal ponto, se forçassem a entrada

enquanto Corm ainda estivesse em casa? E então compreendeu que sim. Corm era Corm, e *iria* resistir. Ela já estivera uma vez em sua casa. Lembra-va-se do conjunto de facas de obsidiana cruzadas que reluzia pendurado na parede. Tinha de haver outra maneira.

— O terratenente não o vai chamar — disse. Sabia-o, de alguma forma. — Não o chamará a menos que haja uma emergência.

Barrion estudou as nuvens que se aglomeravam a leste.

— E daí? — disse. — Não podemos propriamente arranjar uma emergência.

— Mas podemos fazer um sinal — disse Maris.

— Hmmmm — respondeu o cantor. Matutou na ideia. — Sim, suponho que podíamos. — Sorriu-lhe. — Maris, quebramos mais leis todos os dias. Já é suficientemente mau irmos roubar as tuas asas, mas agora queres que eu force a entrada na torre do farol e que envie um chamamento falso. Ainda bem que sou um cantor, senão acabaríamos como os maiores criminosos na história de Amberly.

— Como é que tu seres cantor evita isso?

— Quem julgas tu que cria as canções? Eu prefiro fazer de nós heróis.

Trocaram sorrisos.

Barrion pegou nos remos e levou-os rapidamente para terra, até uma praia pantanosa escondida pelas árvores, mas não muito distante da casa de Corm.

— Espera aqui — disse o cantor enquanto saltava para a água agitada que lhe dava pelos joelhos. — Eu vou até à torre. Entra e agarra nas asas assim que vires Corm sair. — Maris concordou com a cabeça.

Ficou sozinha na escuridão que se aprofundava durante quase uma hora, a observar os relâmpagos que brilhavam distantes, a leste. Em breve a tempestade cairia sobre eles; já conseguia sentir a mordedura do vento. Por fim, no topo do mais alto monte de Pequena Amberly, o grande sinal luminoso do farol do terratenente começou a piscar num ritmo *staccato*. Maris apercebeu-se de súbito de que Barrion arranjava maneira de conhecer o sinal correto, apesar de se ter esquecido de lho dizer. O cantor sabia muitas coisas, mais do que Maris supusera. Talvez não fosse um mentiroso assim tão grande, afinal.

Poucos minutos mais tarde, estava deitada entre as ervas a poucos metros da porta de Corm, de cabeça baixa, abrigada pelas sombras e pelas árvores. A porta abriu-se e o voador de cabelo escuro saiu com as asas presas às costas. Levava roupa quente. Roupa de voar, pensou Maris. Ele estugava o passo ao longo da estrada principal.

Depois de ele se ir embora, foi tarefa fácil encontrar uma pedra, dar a

volta até um dos lados do edifício e partir uma janela. Felizmente, Corm não era casado e vivia sozinho; isto é, se não tivesse uma mulher consigo naquela noite. Mas eles tinham vigiado a casa com atenção e ninguém entrara nem saíra, exceto uma empregada de limpeza que trabalhava durante o dia.

Maris sacudiu vidros soltos, após o que saltou sobre o parapeito e entrou na casa. Dentro, tudo era trevas, mas os seus olhos adaptaram-se depressa. Tinha de encontrar as asas, as *suas* asas, antes de Corm regressar. Ele chegaria à torre sinaleira bem depressa e descobriria que era falso alarme. Barrion não ia demorar-se por lá para ser apanhado.

A busca foi curta. Mesmo ao lado da porta da frente, no cabide onde ele pendurava as suas asas entre os voos, Maris encontrou as dela. Pegou-lhes com cuidado, com amor e saudade, e passou as mãos pelo metal frio a fim de verificar os tensores. *Finalmente*, pensou; e depois: *Eles nunca mais voltarão a tirar-mas*.

Prendeu-as e fugiu. Pela porta e para a floresta, por um caminho diferente daquele que Corm seguira. Ele devia voltar para casa em breve e descobriria a perda. Tinha de chegar à falésia dos voadores.

Precisou de uma boa meia hora, e teve de se esconder por duas vezes na vegetação rasteira da berma da estrada para evitar encontros com outros viajantes noturnos. E mesmo quando chegou à falésia, havia pessoas — dois dos homens da residência dos voadores — lá em baixo na praia de pouso, e Maris teve de se esconder atrás de umas pedras, e esperar, e observar as suas lanternas.

Estava perra de se manter acorada e tremia de frio quando, bem longe sobre o mar, viu outro par de asas prateadas a descer depressa. O voador descreveu um círculo a pouca altura sobre a praia, pondo os homens da residência em sentido, e depois desceu suavemente para aterrar. Enquanto lhe desprendiam as asas, Maris viu que se tratava de Anni de Culhall, com uma mensagem, certamente. A sua oportunidade chegara, portanto. Os homens da residência levariam Anni ao terratenente.

Depois de os outros partirem com a voadora, Maris pôs-se em pé com dificuldade e subiu rapidamente o caminho rochoso que levava à falésia dos voadores. Desdobrar as suas próprias asas era uma tarefa incómoda e lenta, mas conseguiu realizá-la, apesar de as juntas da asa esquerda estarem perras e ser obrigada a dar-lhes cinco sacudidelas até o último tensor saltar. Pensou com amargura que Corm nem sequer cuidara das asas.

Depois, esquecendo aquilo, esquecendo tudo, correu e saltou para os ventos.

A ventania que aumentava atingiu-a quase como um punho, mas rolou com o soco, virando e girando até apanhar uma forte corrente ascen-

dente e começar a subir, agora depressa, cada vez mais alto. Um relâmpago caiu atrás dela, ali perto, e sentiu um breve tremor de medo. Mas depois acalmou-se. Estava de novo a voar, e se caísse do céu a arder, bem, ninguém a choraria em Pequena Amberly, exceto Coll, e não havia melhor morte. Descreveu uma curva e subiu ainda mais alto e, involuntariamente, soltou um grito de alegria entrecortado de gargalhadas.

E uma voz respondeu-lhe.

— Vira! — disse a voz, gritada, quente de ira. Sobressaltada, perdendo por um instante o sentido, olhou para cima e para trás.

Um relâmpago voltou a atravessar o céu sobre Pequena Amberly e, à sua luz, Maris viu as asas ensombradas pela noite acima dela brilharem com um prateado de meio-dia. Corm caía rapidamente sobre ela, vindo do seio das nuvens.

Gritava enquanto se aproximava.

— Eu sabia que eras tu — disse. Mas o vento soprava um terço das palavras para longe dela. — ... tinhas de... por trás... não voltei para casa... falésia... esperei. *Vira!* Eu forço-te a descer! Presa à terra! — Estas últimas palavras ouviu bem e riu-se dele.

— Então tenta — gritou-lhe de volta, num desafio. — Mostra-me que tal és como voador, Corm! Apanha-me se puderes! — E depois, ainda a rir, inclinou uma asa e desviou-se de baixo do mergulho dele, e Corm continuou a descer enquanto ela subia, e continuava a gritar quando passou por ela.

Brincara mil vezes com Dorrel, em perseguições mútuas em volta do Ninho, jogos de apanhada no céu; mas agora, desta vez, a perseguição era mortalmente séria. Maris brincou com os ventos, procurando apenas velocidade e altitude, e encontrou instintivamente as correntes e subiu mais alto e mais depressa. Agora muito abaixo, Corm parou a queda, inclinou-se para cima, descreveu uma curva e recomeçou a subir na sua direção. Mas quando chegou à altitude de Maris, ela estava muito à sua frente. E pretendia permanecer assim. Aquilo não era nenhum jogo e não se podia dar ao luxo de correr quaisquer riscos. Se ele conseguisse subir acima dela, estava suficientemente zangado para começar a forçá-la a descer, centímetro a centímetro, até a empurrar para o oceano. Arrepende-se-ia depois, choraria as asas perdidas, mas Maris sabia que o faria mesmo assim. Tal era a importância que as tradições dos voadores tinham para ele. Perguntou a si própria, sem encontrar resposta, como teria agido um ano antes com alguém que tivesse roubado um par de asas.

Agora, Pequena Amberly estava perdida atrás deles e a única terra à vista era a relampejante torre sinaleira de Culhall, à direita e baixa no horizonte. Também isso depressa desapareceu e passou a nada haver,

além do mar negro em baixo e o céu em cima. E Corm, inexorável, ainda atrás dela, delineado contra a tempestade. Mas — Maris olhou para trás e pestanejou — ele parecia mais pequeno. Estaria a ganhar-lhe vantagem? Corm era um voador hábil, disso tinha Maris certeza. Sempre dera ao Ocidente bons resultados nas competições, ao passo que ela não fora autorizada a competir. Contudo, agora, a distância estava claramente a aumentar.

O relâmpago voltou a brilhar e o trovão rolou ameaçadoramente pelo céu alguns segundos mais tarde. De baixo, uma cila rugiu em resposta à tempestade, ouvindo no estrondo um desafio furioso. Mas para Maris isso teve um significado bem distinto. O intervalo, o intervalo; a tempestade estava a afastar-se. Ela dirigia-se para noroeste, a tempestade talvez avançasse para oeste; fosse como fosse, estava a sair de baixo dela.

Algo levantou voo dentro de si. Descreveu uma curva e deu um sacão às asas só pelo prazer que isso lhe dava, fez um *looping* por pura exultação, saltando de corrente em corrente como uma acrobata do céu. Os ventos eram agora seus; nada podia correr mal.

Corm aproximou-se enquanto Maris brincava, e quando ela saiu do *looping* e recomeçou a subir, viu-o perto de si e ouviu vagamente os seus gritos. Estava a berrar qualquer coisa sobre ela não poder aterrar, sobre ser uma pária com as suas asas roubadas. Pobre Corm! Que sabia ele?

Maris mergulhou até quase poder saborear o sal, até ouvir as águas a rolar poucos metros abaixo. Se ele quisesse matá-la, se quisesse forçá-la a mergulhar nas vagas, bem, colocara-se agora numa posição vulnerável, tão vulnerável como podia estar. Voava em voo rasante; a ele bastaria apanhá-la, pôr-se por cima dela, picar.

Maris sabia, *sabia*, que Corm não conseguiria fazê-lo, por mais vontade disso que pudesse ter. Quando voou de sob a agitada cobertura de nuvens para um céu noturno limpo que fazia com que as estrelas tremeluzissem nas suas asas, Corm era apenas um minúsculo ponto atrás de si, a minguar rapidamente. Maris esperou até deixar de conseguir ver as asas dele e depois apanhou uma nova corrente ascendente e mudou de rumo para sul, sabendo que Corm continuaria cegamente em frente até desistir e fazer meia-volta, de regresso a Pequena Amberly.

Estava sozinha com as suas asas e o céu e, por um breve momento, houve paz.

*

Horas mais tarde, as primeiras luzes de Laus arderam para ela através da escuridão; faróis flamejantes instalados em cima da Velha Fortaleza da ilha

rochosa. Maris virou nessa direção, e depressa o volume semiarruinado do antigo castelo se ergueu na sua frente, morto à exceção das luzes.

Vooou diretamente por cima dele, atravessando toda a largura da pequena ilha montanhosa, até à pista de aterragem na arenosa península do sudoeste. Laus não era suficientemente populosa para manter uma residência de voadores e, por uma vez, Maris sentiu-se grata por isso. Não haveria homens da residência a recebê-la e a fazer perguntas. Pousou sozinha e sem ser notada numa nuvem de areia seca e libertou-se das asas com dificuldade.

No fim da pista de aterragem, encostada à base da falésia dos voadores, a simples cabana de Dorrel estava escura e vazia. Quando ele não respondeu à sua batida na porta destrancada, Maris abriu-a e entrou, chamando-o pelo nome. Mas a casa estava silenciosa. Sentiu uma onda de desilusão que depressa se transformou em nervosismo. Onde estava ele? Durante quanto tempo andaria por fora? E se Corm deduzisse para onde ela fora e a encurralasse ali, antes do regresso de Dorrel?

Encostou uma palha às brasas acumuladas, que brilhavam com um brilho ténue, e acendeu uma vela de areia. Depois passou os olhos pela pequena cabana ordenada, em busca de alguma pista que lhe dissesse para onde fora Dorrel e há quanto tempo partira.

Ali: o asseado Dorrel deixara algumas migalhas de rissol de peixe na mesa, que, fora isso, estava limpa. Deitou uma olhadela a um canto afastado e, sim, a casa estava realmente vazia, *Anitra* não se encontrava no poleiro. Então era isso; Dorrel andava à caça com o seu falcão-noturno.

Esperando que não tivessem ido até longe, Maris voltou a levantar voo e começou à procura. Encontrou-o a descansar num rochedo, nos traiçoeiros baixios da ponta ocidental de Laus, com as asas postas mas dobradas e *Anitra* empoleirada no seu pulso, desfrutando de um bocado do peixe que acabara de apanhar. Dorrel estava a falar com a ave e não viu Maris até esta passar sobre ele, eclipsando as estrelas com as asas.

Então fitou-a, enquanto ela descrevia um círculo e mergulhava perigosamente baixo, e por um momento não houve qualquer reconhecimento na sua cara sem expressão.

— Dorrel — gritou, com a tensão a deixar-lhe a voz acutilante.

— Maris? — A incredulidade desabrochou no rosto dele.

Ela descreveu uma curva e apanhou uma corrente ascendente.

— Vem para terra. Tenho de falar contigo.

Dorrel, acenando com a cabeça, pôs-se subitamente em pé e sacudiu o falcão-noturno. A ave cedeu o peixe com relutância e ascendeu ao céu em pálidas asas brancas, descrevendo círculos sem esforço à espera do dono. Maris fez meia-volta, regressando na direção de onde viera.

Desta vez, quando desceu na pista de aterragem, a descida foi súbita e desastrada, e esfolou bastante os joelhos. Sentia-se confusa, num turbilhão; a tensão do roubo, o esforço do longo voo após aquele período de dias sem céu, a estranha mistura de dor, medo e alegria que ver Dorrel causara nela de repente, inexplicavelmente — tudo a dominou, a abalou, e não soube o que fazer. Antes de Dorrel ter tempo de se lhe juntar, deitou-se ao trabalho de desprender as asas, forçando a mente a dedicar-se aos movimentos que executava com as mãos. Não queria pensar ainda, não queria permitir-se pensar. O sangue que lhe brotava dos joelhos e lhe escorria pelas pernas abaixo deixava-a enlouquecida.

Dorrel aterrou a seu lado, com suavidade e elegância. Ficara abalado pelo súbito aparecimento de Maris, mas não deixara as emoções interferir com o voo. Isso nele era mais do que uma questão de orgulho: fora quase criado assim, constituía quase tanto uma herança como as asas. *Anitra* pousou-lhe no ombro enquanto ele desapertava as asas.

Dorrel avançou para ela e abriu os braços. O falcão-noturno fez um ruído mal-humorado, mas Dorrel teria abraçado Maris na mesma, sem se importar com a ave, se ela não lhe tivesse posto de repente as asas nas mãos estendidas.

— Toma — disse Maris. — Estou a entregar-me. Roubei estas asas a Corm, e estou a entregá-las a ti, e também a entregar-me. Vim pedir-te para convocares um Conselho por mim, porque és um voador e eu não sou, e só um voador pode convocar um Conselho.

Dorrel fitou-a, tão confuso como alguém que tivesse sido subitamente acordado de um sono profundo. Maris sentiu-se impaciente com ele e irresistivelmente cansada.

— Oh, eu explico — disse. — Vamos para tua casa, para que eu possa descansar.

Era uma longa caminhada, mas fizeram a maior parte dela em silêncio e sem se tocar. Ele só por uma vez disse:

— Maris... tu realmente *roubaste*...

Ela interrompeu-o.

— Já disse que sim. — Depois, suspirou de repente e fez um gesto como que para lhe tocar, mas interrompeu-se. — Desculpa, Dorrel, eu não queria... estou exausta, e suponho que esteja também assustada. Nunca pensei que te voltaria a ver sob estas circunstâncias. — Depois voltou a silenciar-se e ele não a pressionou, e só *Anitra* fendeu a noite com os seus resmungos e protestos por a pesca ter terminado tão depressa.

Uma vez chegada a casa, Maris afundou-se na única cadeira grande, tentando forçar-se a descontraír, a esvaziar-se de tensões. Observou Dorrel e sentiu-se a acalmar através dos rituais familiares do amigo. Este pôs

Anitra no poleiro e cerrou as cortinas que pendiam à volta da ave (outros podiam encapuzar as aves para as manter calmas, mas ele desaprovava essa técnica), acendeu a lareira e pôs uma chaleira ao lume.

— Chá?

— Sim.

— Eu ponho nele flores de kerri em vez de mel — disse ele. — Isso deve descontraír-te.

Maris sentiu uma súbita vaga de carinho por ele.

— Obrigada.

— Queres despir essa roupa? Podes vestir o meu roupão.

Ela abanou a cabeça — seria demasiado esforço mexer-se naquele momento — e depois viu que ele estava a fitar-lhe as pernas, nuas por baixo do kilt curto que trazia, e que franzia o sobrolho de preocupação.

— Magoaste-te. — Despejou água quente da chaleira num prato, pegou num trapo e num pouco de unguento e ajoelhou-se à sua frente. O pano húmido a limpar o sangue seco era gentil como uma língua suave. — Ah, não é tão mau como parecia — murmurou ele enquanto trabalhava. — Foram só os joelhos... só arranhões pouco profundos. Um pouso desastrado, querida.

A proximidade e o toque suave de Dorrel buliram com ela, e toda a tensão, medo e cansaço desapareceram de repente. Uma das mãos dele subiu para a sua coxa e demorou-se aí.

— Dorr — disse Maris, baixinho, quase demasiado presa no momento para falar, e ele levantou a cabeça e os seus olhares cruzaram-se, e por fim ela voltara para ele.

*

— Vai resultar — disse Dorrel. — Eles terão de entender. Não te podem renegar. — Estavam sentados a tomar o pequeno-almoço. Enquanto Dorrel fizera ovos e chá, Maris explicara-lhe detalhadamente o plano.

Agora sorria e servia-se de mais ovos. Sentia-se feliz e cheia de esperança.

— Quem partirá primeiro para convocar o Conselho?

— Tinha pensado no Garth — disse Dorrel, entusiasmado. — Eu apanho-o em casa, dividimos as ilhas próximas e ramificamos a convocatória a partir daí. Outros quererão ajudar... Só gostava que também tu pudesses vir — disse, e os seus olhos tornaram-se melancólicos. — Seria bom voltarmos a voar juntos.

— Vamos ter montes disso, Dorr. *Se...*

— Sim, sim, teremos montes de tempo para voarmos juntos, mas... seria bom, esta manhã em especial. Seria bom.

— Sim. Seria bom. — Ela continuou a sorrir, e por fim ele teve de sorrir também. Estava a estender a mão por sobre a mesa para pegar na dele, ou lhe tocar no rosto, quando uma súbita batida na porta, sonora e autoritária, os fez imobilizar-se.

Dorrel levantou-se para ir abrir a porta. Maris, sentada na cadeira, estava plenamente à vista da porta, mas não valia a pena tentar esconder-se e não existia segunda porta.

Quem estava lá fora era Helmer, com as asas dobradas presas às costas. Olhou diretamente para Dorrel, mas não para lá dele, não para dentro da cabana, para Maris.

— Corm invocou o direito dos voadores de convocar um Conselho — disse, com uma voz monocórdica, tensa e demasiado formal. — A respeito da outrora voadora Maris de Pequena Amberly que roubou as asas de outro voador. Solicita-se a tua presença.

— O quê? — Maris levantou-se depressa. — Helmer... o Corm convocou um Conselho? Porquê?

Dorrel deitou-lhe um relance por sobre o ombro, após o que olhou para Helmer, que estava clara mas desconfortavelmente a ignorar Maris.

— Porquê, Helmer? — perguntou, mais baixo do que Maris.

— Já te disse. E não tenho tempo para ficar aqui a mexer o vento com a boca. Tenho outros voadores a informar, e está um dia pesado para voar.

— Espera por mim — disse Dorrel. — Dá-me alguns nomes, algumas ilhas aonde ir. Isso tornará a tua tarefa mais fácil.

O canto da boca de Helmer torceu-se.

— Não julguei que quisesses partir numa missão como esta, por um motivo como este. Não pretendia pedir-te ajuda. Mas já que a ofereces...

Helmer deu a Dorrel instruções secas enquanto o voador mais jovem se alava. Maris andava de um lado para o outro, sentindo-se de novo inquieta, embaraçada e confusa. Helmer estava claramente determinado a ignorá-la e, para salvar a ambos o embaraço, Maris não voltou a interrogá-lo.

Dorrel beijou-a e apertou-a com força antes de partir.

— Liberta a *Anitra* por mim e tenta não te preocupares. Espero estar de volta antes de ser noite há demasiado tempo.

Depois de os voadores se irem embora, Maris sentiu a casa abafada. Mas descobriu que lá fora não estava muito melhor quando se encostou à porta. Helmer tivera razão, não estava um bom dia para voar. Estava um dia que levava uma pessoa a pensar em ar parado. Estremeceu, temendo por Dorrel. Mas refletiu, tentando sossegar-se, que ele era demasiado hábil e esperto para precisar da sua preocupação. E ela enlouqueceria se ficasse o dia inteiro dentro de casa a imaginá-lo em possíveis perigos. Já era suficientemente frustrante ter de esperar ali, com o céu negado. Ergueu o olhar

para a cobertura de nuvens luminosas. Se depois do Conselho fizessem dela uma presa à terra para sempre...

Mas haveria no futuro tempo com fartura para mágoas, portanto decidi não pensar nesse momento naquilo. Voltou para dentro de casa.

Anitra, uma voadora noturna, dormia atrás da cortina; a cabana estava sossegada e muito vazia. Desejou brevemente que Dorrel ali estivesse, para aliviar os pensamentos partilhando-os, para especular com ela sobre o motivo por que Corm teria convocado o Conselho. Sozinha, os pensamentos andavam aos círculos na sua cabeça, aves numa armadilha.

Havia um jogo de geechi em cima do guarda-fatos de Dorrel. Maris pegou nele e dispôs as lisas pedrinhas pretas e brancas num simples padrão de abertura, um padrão com o qual a sua mente se sentia confortável. Pôs-se a movê-las indolentemente, jogando por ambos os lados, empurrando as pedras sem refletir para novas configurações, cada uma sugerida pela anterior, cada uma tão inevitável como a sorte. E pensou.

Corm é um homem orgulhoso e eu feri-lhe o orgulho. Ele é conhecido como bom voador e eu, filha de um pescador, roubei-lhe as asas e venci-o quando me perseguiu. Agora, para recuperar o orgulho, tem de me humilhar de alguma forma muito pública, muito grandiosa. Recuperar as asas não seria suficiente para ele. Não, toda a gente, todos os voadores, têm de estar presentes para me verem humilhada e declarada fora-da-lei.

Maris suspirou. Era isso. Aquele era o Conselho para declarar fora-da-lei a voadora presa à terra que roubou asas — oh, sim, seriam escritas canções sobre ele. Mas talvez não importasse. Apesar de Corm ter voado mais depressa do que ela, o Conselho ainda podia ser virado contra ele. Ela, a acusada, teria o direito de falar, de se defender, de atacar uma tradição sem sentido. E Maris sabia que tinha as mesmas possibilidades no Conselho de Corm como naquele que Dorrel teria convocado. A diferença era agora saber até que ponto Corm se sentia magoado e furioso.

Baixou o olhar para o tabuleiro de geechi. As pedrinhas, brancas e pretas, estavam dispostas no centro do tabuleiro, enfrentando-se mutuamente. Ambos os exércitos se tinham disposto em formações de ataque; era claro que aquele não seria um jogo de espera. Com a jogada seguinte, começariam as capturas.

Maris sorriu e varreu as pedrinhas do tabuleiro.

*

Foi preciso um mês inteiro para o Conselho se reunir.

Dorrel levou o chamamento a quatro voadores no primeiro dia e a

mais cinco no seguinte, e cada um desses voadores contactou outros, e esses outros ainda, e assim se espalhou a notícia em ondulações cada vez mais afastadas pelos mares de Windhaven. Um voador especial foi enviado às Ilhas Externas, outro à desolada Artélia, a grande ilha gelada do Norte. Em breve, todos tinham ouvido e, um por um, voaram para o encontro.

O local escolhido foi Grande Amberly. Pela lei, o Conselho devia ter-se reunido em Pequena Amberly, lar tanto de Maris como de Corm. Mas a ilha mais pequena não dispunha de nenhum edifício suficientemente grande para uma reunião como aquela, ao passo que Grande Amberly dispunha: um salão enorme e húmido, raramente usado.

Foi para lá que se dirigiram os voadores de Windhaven. Nem todos, não, pois havia sempre emergências, e alguns ainda não tinham recebido a notícia, e outros andavam por longe, em longos e perigosos voos; mas a maioria deles, a vasta maioria, sim, e isso bastava. Não houvera uma tal reunião no tempo de vida de ninguém. Até as competições anuais no Ninho eram pequenas comparadas com aquilo, meras disputas locais entre o Oriente e o Ocidente. Pelo menos foi o que pareceu então a Maris, durante o mês em que esperou e observou enquanto as ruas de Ambertown se enchiam com os risos dos voadores.

Havia um ar festivo em tudo aquilo. Os primeiros a chegar faziam competições de bebida todas as noites, para deleite dos mercadores locais de vinho, e trocavam histórias e canções, e mexericavam interminavelmente sobre o Conselho e o seu resultado. Barrion e outros cantores mantinham-nos entretidos à noite, ao passo que durante o dia competiam e brincavam no ar. Aqueles que iam chegando eram saudados em tumulto. Maris, que voara de regresso de Laus depois de obter uma licença especial para usar as asas mais uma vez, ansiava por se lhes juntar. Todos os seus amigos estavam lá, e os de Corm também, e na verdade todas as asas de Windhaven. Os orientais também tinham vindo, muitos com fatos de peles e metais que lhe faziam lembrar irresistivelmente o modo como o Corvo se vestira naquele dia tão distante. Havia três artelianos de pele clara, trazendo cada um uma coroa de prata na testa, aristocratas de uma terra escura e frígida onde os voadores eram reis além de mensageiros. Misturavam-se, irmãos e iguais, com os voadores de uniformes vermelhos de Grande Shotan e com os vinte altos representantes das Ilhas Externas e com o esquadrão de sacerdotes alados do luxuriante Arquipélago Meridional que serviam ao mesmo tempo o Deus do Céu e os seus terratenentes. Ao vê-los, ao ser-lhes apresentada, ao caminhar entre eles, apercebeu-se, como poucas vezes antes, do tamanho, da amplitão e da diversidade cultural de Windhaven. Ela voara, ainda que durante pouco tempo; fora uma das poucas privilegiadas. E no

entanto ainda havia tantos lugares onde não estivera. Se ao menos pudesse voltar a ter as asas...

Por fim, todos os que iriam chegar chegaram. O Conselho estava marcado para o crepúsculo; não haveria multidões nas estalagens de Ambertown naquela noite.

— Tens uma hipótese — disse Barrion a Maris nos degraus do grande salão imediatamente antes da reunião. Coll também estava com ela, e Dorrel também. — A maioria está de bom humor, depois de semanas de vinho e canções. Eu ando de um lado para o outro, converso, canto, e sei o seguinte: eles *vão* escutar-te. — Fez o seu sorriso lupino. — Para voadores, isso é *muito* fora do comum.

Dorrel confirmou com a cabeça.

— Eu e o Garth conversámos com muitos deles. Há muita simpatia por ti, especialmente entre os voadores mais novos. A maioria dos outros delegados tende a alinhar-se com Corm e a tradição, mas mesmo eles não estão inteiramente decididos.

Maris abanou a cabeça.

— Os voadores mais velhos são mais numerosos que os mais novos, Dorr.

Barrion pôs-lhe uma mão paternal no ombro.

— Então terás de os conquistar também a eles para o teu lado. Depois das coisas que já te vi fazer, deve ser bastante fácil. — E sorriu.

Todos os delegados tinham já entrado, e agora, vindo da porta atrás de si, Maris ouviu o rufo cerimonial que assinalava o início do Conselho, feito soar pelo terratenente de Grande Amberly.

— Temos de ir — disse Maris. Barrion concordou com a cabeça. Na qualidade de não-voador, estava impedido de participar na assembleia. Apertou-lhe uma vez o ombro, para desejar boa sorte, após o que pegou na guitarra e desceu devagar os degraus. Maris, Coll e Dorrel apressaram-se a entrar.

O salão era uma imensa escavação de pedra, rodeada por um anel de archotes. No centro do piso rebaixado fora colocada uma longa mesa. Os voadores sentavam-se à sua volta, num semicírculo, em toscos bancos de pedra que subiam, fileira após fileira após fileira, até ao ponto em que a parede se encontrava com o teto. O Jamis Sénior, com a magra cara enrugada pela idade, sentava-se no centro da longa mesa. Embora já fosse preso à terra há vários anos, a sua experiência e carácter ainda eram muito estimados, e viera de barco para presidir. Dos dois lados de Jamis sentavam-se os dois únicos não-voadores admitidos na assembleia: o trigueiro terratenente de Grande Amberly e o corpulento governante da Pequena. Corm detinha o quarto lugar, na ponta direita da mesa. Uma quinta cadeira estava vazia à esquerda.

Maris dirigiu-se para lá, enquanto Dorrel e Coll subiam as escadas para os seus lugares. O tambor voltou a soar, pedindo silêncio. Maris sentou-se e olhou em volta enquanto a sala começava a aquietar-se. Coll encontrara um lugar, lá em cima junto dos jovens sem asas. Muitos tinham vindo de barco de ilhas próximas, para ver fazer-se história; mas, tal como Coll, não deviam tomar parte na decisão. Agora ignoravam Coll, como se poderia esperar; crianças ansiosas pelo céu dificilmente compreenderiam um rapaz que abdicara voluntariamente das asas. Ele parecia terrivelmente deslocado e solitário, tal como Maris se sentia.

Os tambores calaram-se. Jamis Sénior levantou-se e a sua voz profunda ressoou no salão.

— Este é o primeiro Conselho de voadores de que qualquer um dos presentes tem memória — disse. — A maioria de vocês já conhece as circunstâncias sob as quais ele foi convocado. Mas as minhas regras serão simples. Corm falará primeiro, visto que foi ele a convocar esta reunião. Depois Maris, que ele acusa, terá a hipótese de lhe responder. Depois qualquer voador ou antigo voador aqui presente poderá dizer o que quiser. Só peço que falem alto e que se identifiquem antes de falar. Muitos dos presentes somos estranhos uns para os outros. — E sentou-se.

E então Corm levantou-se e encheu o silêncio com as suas palavras.

— Convoquei este Conselho por direito de voador — disse, com uma voz segura e ressonante. — Foi cometido um crime e a sua natureza e implicações são tais que deve obter resposta de todos nós, de todos os voadores agindo como um só. A nossa decisão determinará o nosso futuro, como aconteceu com as decisões de anteriores Conselhos. Imaginem o que o nosso mundo seria agora se os pais e mães que nos antecederam tivessem decidido levar a guerra para o ar. A irmandade de todos os voadores não existiria... seríamos dilacerados por mesquinhas rivalidades regionais em vez de pairarmos como é próprio acima das querelas da terra.

E prosseguiu, pintando uma imagem da desolação que se podia ter seguido, caso o Conselho de há tantos anos tivesse votado erradamente. Era um bom orador, pensou Maris; falava como Barrion cantava. Sacudiu-se para fora do encanto que Corm estava a criar e perguntou a si própria como poderia contrariá-lo.

— O problema, hoje, é igualmente grave — prosseguiu Corm — e a vossa decisão não irá simplesmente afetar uma pessoa, pela qual talvez sintam simpatia, mas todos os nossos filhos ao longo das gerações vindouras. Que se lembrem disso enquanto ouvem os argumentos esta noite. — Olhou em volta e, embora os seus olhos ardentes não tivessem caído sobre ela, Maris sentiu-se mesmo assim intimidada.

— Maris de Pequena Amberly roubou um par de asas — disse. — A história, creio eu, é conhecida por todos vocês... — mas Corm contou-a apesar disso, desde os factos sobre o seu nascimento até à cena na praia — ... e um novo portador foi encontrado. Mas antes de Devin de Gavora, que está agora entre nós, ter tempo de chegar para reclamar as suas asas, Maris roubou-as e fugiu.

»Mas isto não é tudo. Roubar é uma vergonha, mas nem o roubo de umas asas pode ser motivo para um Conselho de voadores. Maris sabia que não podia esperar ficar com as asas. Levou-as não para fugir, mas para se revoltar contra as nossas tradições mais vitais. Questiona as próprias bases da nossa sociedade. Quer abrir à disputa a posse das asas, ameaça-nos com a anarquia. A menos que tornemos clara a nossa desaprovação, que a julgemos em Conselho de uma forma que se torne histórica, os factos podem facilmente ser distorcidos. Maris poderá ser lembrada como uma corajosa rebelde, e não como a ladra que é.

Um baque percorreu Maris ao ouvir aquela palavra. Ladra. Seria isso que ela era?

— Ela tem, entre os cantores, amigos que adorariam trocar de nós — estava Corm a dizer — e cantar canções de elogio à sua ousadia. — E Maris ouviu na memória a voz de Barrion: *Eu prefiro fazer de nós heróis*. Procurou Coll com os olhos e viu que estava sentado mais direito, com um ligeiro sorriso nos lábios. Os cantores tinham realmente poder se fossem bons.

— Portanto temos de falar com clareza, para toda a História, na denúncia do que ela fez — disse Corm. Virou-se para Maris e fitou-a. — Maris, acuso-a do roubo de asas. E apelo aos voadores de Windhaven, reunidos em Conselho, para que a declarem fora-da-lei, e jurem que nenhum poustará em nenhuma ilha a que chame lar.

Sentou-se, e no horrível silêncio que se seguiu Maris compreendeu até que ponto o ofendera. Nunca sonhara que ele pediria tanto. Não contente por apenas lhe tirar as asas, negar-lhe-ia a própria vida, forçando-a a um exílio sem amigos nalgum rochedo distante e vazio.

— Maris — disse Jamis com gentileza. Ela não se levantara. — É a sua vez. Quer responder a Corm?

Lentamente, ela pôs-se em pé, desejando possuir o poder de um cantor, desejando que, por uma vez, fosse capaz de falar com a segurança que Corm tinha na voz.

— Não posso negar o furto — disse, erguendo o olhar para as fileiras de caras sem expressão, para o mar de estranhos. A sua voz estava mais firme do que julgara que estaria. — Roubei as asas por desespero, porque eram a minha única hipótese. Um barco teria sido muito mais lento do que

era necessário, e ninguém em Pequena Amberly estava disposto a ajudar. Precisava de contactar um voador que convocasse um Conselho por mim. Depois de o fazer, entreguei as asas. Posso prová-lo, se... — Olhou para Jamis; este concordou com a cabeça.

Dorrel respondeu à deixa. A meio do salão em degraus, levantou-se.

— Dorrel de Laus — disse, de forma bem audível. — Testemunho por Maris. Assim que chegou até mim, entregou as asas à minha guarda e não quis voltar a usá-las. Não chamo a isto roubo. — À sua volta houve um coro de murmúrios de aprovação; a sua família era conhecida e estimada, a sua palavra boa.

Maris marcara um ponto e agora prosseguia, sentindo-se mais confiante a cada palavra.

— Eu desejava um Conselho para algo que considero muito importante para todos nós e para o nosso futuro. Mas Corm antecipou-se. — Fez uma ligeira careta, inconsciente. E reparou que na assistência surgiram alguns sorrisos nas caras de voadores que lhe eram estranhos. Ceticismo? Desprezo? Ou apoio, concórdia? Teve de obrigar pela força da vontade as mãos a separar-se e a ficar quietas ao lado do corpo. Não seria bom torcer as mãos à frente de todos.

— Corm diz que estou a combater a tradição — prosseguiu Maris — e é verdade. Disse-vos que isso é algo de terrível, mas não disse porquê. Não explicou por que motivo a tradição tem de ser defendida de mim. Só porque algo sempre foi feito de uma maneira, não quer dizer que a mudança seja impossível ou indesejável. Voariam as pessoas nos mundos natais dos navegantes das estrelas? Se não, quererá isso dizer que era melhor *não* voar? Afinal, não somos pássaros-garatujeiros, para continuarmos a andar na mesma direção até cairmos e morrermos se nos empurrarem os bicos para o chão... não temos de percorrer o mesmo caminho todos os dias... *nós* não nascemos com o caminho gravado.

Ouviu uma gargalhada vinda dos seus ouvintes e sentiu-se exultar. Conseguia pintar imagens com palavras, tal como Corm! Aquelas tolas e bamboleantes aves das cavernas tinham saltado da sua mente para a de alguém mais, e tinham arrancado uma gargalhada; falara de quebrar a tradição e eles continuavam a escutar. Inspirada, prosseguiu.

— Nós somos pessoas e, se temos instinto para alguma coisa, é o instinto... a vontade... de mudança. As coisas sempre mudaram e, se formos espertos, fazemos nós as mudanças, e para melhor, antes de sermos forçados a elas.

»A tradição de transmitir as asas de pais para filhos funcionou razoavelmente bem durante muito tempo... é certamente melhor do que a anarquia, ou a tradição mais antiga do julgamento por combate que emergiu

no Oriente durante os Dias da Mágua. Mas não é a única forma de fazer as coisas, nem é a forma perfeita.

— Basta de conversa! — rosnou alguém. Maris olhou em volta em busca da fonte, e ficou surpreendida ao ver Helmer erguer-se do seu lugar, à frente da segunda fileira.

— Helmer — disse Jamis com firmeza. — Maris tem a palavra.

— Não me interessa — disse Helmer. — Ela ataca os nossos costumes mas não nos oferece nada melhor. E por bons motivos. Este costume funcionou durante tantos anos porque *não há* nenhum melhor. Pode ser difícil, sim. É difícil para ti porque não nasceste voadora. Com certeza, é duro. Mas tens outra forma de fazer as coisas?

Helmer, pensou Maris enquanto ele se sentava. Claro, a ira dele fazia sentido, era um dos homens a quem aquela tradição magoaria em breve... estava a magoar. Ainda novo, ficaria preso à terra dentro de menos de um ano quando a filha chegasse à maioridade e obtivesse as suas asas. Ele aceitara a perda como inevitável, talvez, como parte legítima de uma tradição honrada. Mas agora Maris atacava a tradição, a única coisa que emprestava nobreza ao próximo sacrifício de Helmer. Se as coisas permanecessem imutáveis, perguntou rapidamente Maris a si própria, viria Helmer a odiar a sua própria filha por causa das asas? E Russ... se não tivesse ficado ferido... se Coll não tivesse nascido...

— Sim — disse Maris em voz alta, apercebendo-se de súbito de que a sala estava silenciosamente à espera da sua resposta. — Sim, tenho outra forma; nunca teria tido a presunção de convocar um Conselho se...

— Não convocaste! — gritou alguém, e outros riram-se. Maris sentiu-se aquecer e esperou não estar a corar.

Jamis deu uma palmada na mesa, com força.

— Maris de Pequena Amberly está a falar — disse, ruidosamente. — O próximo que a interromper será expulso!

Maris dirigiu-lhe um sorriso de gratidão.

— Proponho uma nova maneira, uma maneira melhor — disse. — Proponho que o direito a usar asas seja *ganho*. Não pelo nascimento ou pela idade, mas pelo único critério que realmente conta... a perícia! — E enquanto falava, a ideia surgiu-lhe de súbito na cabeça, mais elaborada, mais complexa, mais *certa* do que a vaga noção de uma competição desordenada que tivera. — Proponho uma academia de voo, aberta a todos, a qualquer criança que sonhe com asas. A exigência será muito alta, claro, e muitos serão mandados embora. Mas todos teriam o direito de tentar... o filho de um pescador, a filha de um cantor ou uma tecelã... todos poderiam sonhar, ter esperança. E para aqueles que passassem todos os testes haveria um teste final. Na nossa competição anual, poderiam desafiar qualquer voador que

escolhessem. E, se fossem suficientemente bons, suficientemente bons para voar melhor que ele ou que ela, então conquistariam as suas asas!

»Desta forma, os melhores voadores conservariam sempre as asas. E um voador derrotado, bem, podia esperar pelo ano seguinte e tentar reconquistar as asas àquele que as tinha levado. Ou poderia desafiar outra pessoa, algum voador mais fraco. Nenhum voador poderia dar-se ao luxo de ser preguiçoso, ninguém que não amasse o céu teria de voar, e... — Olhou para Helmer, cujo rosto era ilegível. — E mais: até os filhos dos voadores teriam de desafiar para conquistar o céu. Só poderiam reclamar as asas dos pais quando estivessem prontos, quando soubessem realmente voar melhor do que o pai ou a mãe. Nenhum voador ficaria preso à terra só por ter casado novo e ter um filho a chegar à maioria enquanto devia, por tudo o que é justo e certo, ainda estar no céu. Só a perícia seria importante, não o nascimento, nem a idade... a *pessoa*, não a tradição.

Fez uma pausa, à beira de despejar a sua própria história, o que era ser filha de um pescador e saber que o céu nunca poderia ser seu — a dor, o desejo. Mas para quê desperdiçar o fôlego? Aqueles eram todos voadores natos, e não conseguiria arrancar deles simpatia pelos presos à terra que desprezavam. Não, era importante que os próximos Asas-de-Madeira que nascessem em Windhaven tivessem uma hipótese de voar, mas isso não prestava como argumento. Dissera o suficiente. Apresentara-lhes tudo e a escolha era deles. Dirigiu um breve relance a Helmer, ao estranho sorriso que tremeluzia na sua cara, e soube com total certeza que o voto dele lhe pertencia. Acabara de lhe dar uma hipótese de reclamar a sua vida sem ser cruel com a filha. Satisfeita, sorrindo, Maris sentou-se.

Jamis Sênior olhou para Corm.

— Isso soa muito bem — disse este. Sorrindo, controlado, Corm nem se dignou levantar-se. Ao ver a calma dele, Maris sentiu toda a esperança dolorosamente empilhada a desaparecer. — Um belo sonho para uma filha de pescador, e é compreensível. Talvez você não tenha compreendido as asas, Maris. Como espera que famílias que voam desde... desde *sempre*... ponham as asas à disposição, para as transmitirem a estranhos? Estranhos que, sem tradição nem orgulho familiar, podem não cuidar delas como deve ser, podem não as respeitar. Pensará realmente que qualquer um de nós pode entregar a nossa herança a um preso à terra insolente? Em vez de aos nossos filhos?

Maris perdeu a calma.

— Vocês esperavam que eu desse as *minhas* asas a Coll, que não sabia voar tão bem como eu.

— As asas nunca foram suas — disse Corm.

Os lábios dela apertaram-se; nada disse.

— Se julgou que eram, foi essa a sua loucura — disse Corm. — Pense: se as asas forem transmitidas de uma pessoa para outra como um manto, se só forem detidas por um ano ou dois, que tipo de orgulho terão nelas os seus donos? Seriam... emprestadas... não uma posse, e toda a gente sabe que um voador deve ser dono das suas asas, caso contrário não é voador nenhum. Só uma presa à terra desejaria para nós uma vida assim!

Maris sentiu os sentimentos do público mudar a cada palavra de Corm. Empilhava tão habilmente os argumentos em cima uns dos outros que todos se escapuliram para longe dela antes de ter oportunidade de os atacar. Tinha de lhe responder, bem o sabia, mas como, como? A ligação de um voador às suas asas era quase tão forte como a sua ligação aos pés; não podia negá-lo, não podia combatê-lo. Lembrou-se da sua própria fúria quando sentira que Corm não cuidara devidamente das suas asas; e no entanto estas nunca tinham sido suas, só do pai, do irmão.

— As asas são um legado — proferiu apressadamente. — Em cada momento, um voador sabe que tem de as transmitir, a seu tempo, ao seu filho.

— Isso é bastante diferente — disse Corm com tolerância. — A família não é a mesma coisa que estranhos, e o filho de um voador não é um preso à terra.

— Isto é demasiado importante para se ser parvo com os laços de sangue! — atirou-lhe Maris com a voz a crescer. — Ouça o que diz, Corm! Ouça o snobismo que foi deixando crescer em si, em outros voadores; ouça o seu desprezo pelos presos à terra, como se eles pudessem evitar ser o que são com as leis da herança tal como são atualmente! — As suas palavras eram furiosas, e a assembleia ficou perceptivelmente mais hostil; apercebeu-se de repente de que perderia tudo se defendesse os presos à terra contra os voadores.

Maris forçou-se a ter calma.

— Nós *temos* orgulho nas nossas asas — disse, regressando conscientemente aos argumentos mais fortes. — E esse orgulho, se for suficientemente forte, deve garantir que as conservamos. Os bons voadores conservarão o céu. Se forem desafiados, não serão derrotados facilmente. Se forem derrotados, regressarão. E terão a satisfação de saber que o voador que lhes tira as asas é bom, de saber que o seu substituto trará honra às asas e irá usá-las bem, independentemente de quem forem os seus pais.

— As asas destinam-se a ser... — começou Corm, mas Maris não o deixou terminar.

— As asas não se destinam a ser perdidas no mar — disse — e os voadores desajeitados, os voadores que não tiveram o cuidado de ser realmente bons porque nunca foram obrigados a isso, são *esses* os voadores que per-

deram as asas de todos nós. Alguns mal mereciam o nome de voadores. E as crianças que eram na verdade novas de mais para o céu, ainda que tecnicamente pudessem ter idade para ele? Entram em pânico, voam sem sensatez e morrem, levando as asas com elas. — Deitou um rápido relance a Coll. — Então e aqueles que não foram feitos de todo para voar? Ser-se filho de um voador não significa que se tem o talento necessário. O meu... Coll, que eu amo como a um irmão e um filho, o destino *dele* nunca foi ser voador. As asas eram dele, mas eu não podia dar-lhe... não queria dar-lhas... oh, mesmo se ele as *quisesse*, eu não teria querido abdicar delas...

— O teu sistema não mudaria isso — gritou alguém.

Maris abanou a cabeça.

— Pois não. Eu continuaria a não ficar *feliz* por perder as asas, mas se fosse derrotada, bem, podia ficar na academia, treinar, esperar pelo ano seguinte e tentar ganhá-las de volta. Oh, nada vai ser *perfeito*, não percebem?, porque não há asas suficientes, e isso só irá piorar, não melhorar. Mas nós temos de tentar impedir que todas aquelas asas se percam todos os anos, temos de deixar de enviar para o céu voadores sem qualificações, temos de parar de perder tantos. Continuará a haver acidentes, continuaremos a ter perigos, mas não perderemos asas e voadores por erros de avaliação, medo e falta de habilidade.

Exausta, Maris ficou sem palavras, mas o seu discurso agitara a audiência, voltando a trazê-la para o seu lado. Havia uma dúzia de mãos erguidas. Jamis apontou, e um shotanense solidamente constituído ergueu-se da massa.

— Dirk, de Grande Shotan — disse em voz baixa, e depois repetiu o nome quando os voadores do fundo gritaram “Mais alto! Mais alto!” Falou desajeitada e constrangidamente. — Eu só queria dizer... tenho estado aqui sentado, a ouvir... eu estive... nunca esperei... tudo isto, só para votar uma proscricção... — Abanou a cabeça, com clara dificuldade em fazer sair as palavras. — Oh, diabos carreguem isto — disse por fim. — Maris tem razão. Estou meio envergonhado por dizer isto, mas não devia estar. É a verdade... eu não *quero* que o meu filho fique com as minhas asas. Tenho medo. Ele é um bom rapaz, atenção, e amo-o, mas de vez em quando tem ataques, sabem?, a doença dos tremores. Não pode voar assim... não *devia* voar... mas cresceu sem nunca pensar em mais nada, e no próximo ano, quando fizer treze, contará com as minhas asas, e sendo as coisas como são, eu terei de lhas dar, e ele partirá a voar e morrerá, e depois eu ficarei sem o meu filho e ficarei sem as minhas asas e podia perfeitamente morrer também. Não! — Sentou-se, vermelho-escuro, e sem fôlego.

Várias pessoas soltaram gritos de apoio. Maris, animada, olhou para Corm, e viu que o sorriso deste bruxuleava. De súbito, teve dúvidas.

Um amigo conhecido levantou-se então, e sorriu-lhe lá do alto.

— Sou Garth de Skulny — disse. — Eu também estou com Maris! — Outro orador apoiou-a, e depois outro, e Maris sorriu. Dorrel espalhara amigos por toda a assistência e agora estavam a tentar fazer a assembleia debandar para o lado dela. E parecia estar a resultar! Pois, por entre os apoios de voadores que conhecia há anos, completos estranhos levantavam-se para dar voz ao seu apoio. Significaria aquilo que tinham ganho? Corm parecia claramente preocupado.

— Você reconhece o que está errado com o nosso costume, mas creio que a sua academia não é a resposta. — As palavras arrancaram Maris ao otimismo complacente em que se encontrava. Quem falava era uma mulher alta e loura, uma das voadoras principais das Ilhas Externas. — Há uma razão para a nossa tradição, e não devemos enfraquecê-la, senão os nossos filhos poderão regressar à idiotice do julgamento por combate. O que devemos fazer é ensinar melhor os nossos filhos. Temos de lhes ensinar a ter *mais* orgulho, e temos de construir neles a perícia necessária desde muito tenra idade. Foi assim que a minha mãe me ensinou e eu estou a ensinar o meu filho. Talvez seja necessária uma espécie qualquer de teste... a sua ideia de um desafio é boa. — A boca torceu-se-lhe em ironia. — Admito, não espero com ansiedade o dia, que chega depressa de mais, em que terei de dar as minhas asas ao Vard. Penso que ambos seremos demasiado novos quando esse dia chegar. Que ele tenha de competir comigo para se mostrar tão bom... não, um voador *melhor* do que eu, sim, essa é uma excelente ideia.

Outros voadores no salão acenavam aprovadamente. Sim, sim, claro, porque não teriam percebido como era boa ideia uma espécie qualquer de teste? Toda a gente sabia que a maioria era bastante arbitrária, que alguns ainda eram crianças quando ganhavam asas e outros completos adultos. Sim, que os jovens se mostrassem voadores primeiro... a maré varreu a assembleia.

— Mas esta academia — disse a oradora com gentileza. — Isso não é necessário. Entre nós geramos suficientes novos voadores. Eu conheço a sua origem e consigo compreender os seus sentimentos, mas não posso comungar deles. Não seria sensato. — Sentou-se e Maris sentiu o coração afundar-se com ela. Aquilo arrumou o assunto, pensou. Agora iriam votar a favor de um teste, mas o céu continuaria a estar fechado aos nascidos dos pais errados; os voadores iam rejeitar a parte mais importante. Tão perto, quase conseguira, mas não chegara suficientemente perto.

Um homem magro vestido de seda e prata levantou-se.

— Arris, voador e Príncipe de Artélia — disse, com olhos de um azul de gelo sob a coroa de prata. — Voto com a minha irmã das Ilhas Externas.

As minhas filhas são de sangue real, nascidas e criadas para as asas. Seria uma paródia forçá-las a voar em corridas com plebeus. Mas um teste, para ver se merecem as asas, *essa* é uma ideia digna de um voador.

Foi seguido por uma mulher escura toda vestida de couro.

— Zeva-kul de Deeth, no Arquipélago Meridional — começou. — Eu levo mensagens para o meu terratenente todos os anos, mas também sirvo o Deus do Céu, como todas as castas superiores. A ideia de transmitir asas a um inferior, a um filho da mácula, possivelmente a um infiel... *não!*

Outros ecos chegaram, e rolaram pelo salão:

— Joi, de Stormhammer, a Mais Externa. Eu digo que sim, que nos obriguem a voar para conquistarmos as asas, mas só contra os filhos de voadores.

— Tomas, de Pequena Shotan. Filhos dos presos à terra nunca poderiam aprender a amar o céu como nós. Seria um desperdício de tempo e dinheiro construir esta academia de que Maris fala. Mas sou a favor de um teste.

— Crain de Poweet, e estou com estes. Porque haveríamos nós de ter de competir com filhos de pescadores? Eles não nos deixam competir pelos seus barcos, pois não? — O salão balançou com risos, e o voador, de certa idade, sorriu. — Sim, uma piada, e das boas. Bem, irmãos, nós seríamos uma piada, esta academia seria uma piada se deixasse entrar a ralé de qualquer nascimento. As asas pertencem aos voadores e ao longo dos anos assim foi porque é assim que as coisas são. As outras pessoas estão satisfeitas e são muito poucas as que *realmente* querem voar. Para a maioria é só um capricho passageiro, ou coisa demasiado assustadora para pensarem nela. Para quê encorajarmos sonhos inúteis? Eles não são voadores, nunca foi esse o seu destino, e podem ter vidas compensadoras em alguma outra...

Maris escutou, incrédula e com uma ira crescente, enfurecida pela presunçosa arrogância do tom do homem... e depois viu com horror que outros voadores, incluindo alguns dos mais novos, estavam a acenar complacentemente com as cabeças, ao ritmo das palavras dele. Sim, eram melhores porque tinham nascido em famílias de voadores, sim, eram superiores e não queriam misturar-se, sim, sim. De súbito deixou de importar que em tempos idos *ela* tivesse tido sentimentos muito semelhantes para com os presos à terra. De súbito só conseguiu pensar no pai, o pai de sangue, o pescador morto de que quase não se lembrava. Recordações que julgara perdidas regressaram: impressões sensoriais, principalmente... roupa tesa que fedia a sal e a peixe; mãos tépidas, ásperas mas gentis, que lhe alisavam o cabelo e lhe limpavam lágrimas das bochechas depois de a mãe a repreender; e histórias que ele contara, na sua voz baixa, histórias de coisas que ele vira naquele dia no seu pequeno esquife — o aspeto das aves, fugir de

uma tempestade súbita, como o peixe-lua saltava para o céu noturno, como sentia o vento e as vagas a bater no barco. O pai fora um homem perspicaz e corajoso, enfrentando o oceano todos os dias no seu frágil barco, e Maris sabia, na quente raiva que sentia, que não era inferior a nenhum dos presentes, a ninguém em Windhaven.

— Seus snobes — disse, num tom penetrante, já sem se importar se isso ajudaria ou prejudicaria a votação. — Todos vocês. Julgam-se tão superiores só porque nasceram de um voador e herdaram asas sem qualquer mérito vosso. Julgam que herdaram a perícia dos vossos pais? Bem, então e a outra metade do vosso legado? Ou será que todos vocês nasceram de casamentos entre voadores? — Apontou um dedo acusador a uma cara familiar na terceira fileira. — Você, Sar, estava a acenar com a cabeça agora mesmo. O seu pai foi um voador, sim, mas a sua mãe era comerciante, nascida de uma família de pescadores. Você olha-os de cima? E se a sua mãe confessasse que o marido não era o seu verdadeiro pai... e se lhe dissesse que podia culpar pelo seu nascimento um comerciante que ela tivesse conhecido no Oriente? Que aconteceria? Você ia sentir-se obrigado a abdicar das asas e a procurar outra vida qualquer?

Sar limitou-se a olhá-la com a boca aberta na sua cara redonda; nunca fora homem de inteligência rápida, e não conseguia compreender porque o teria ela destacado. Maris retirou o dedo e lançou a sua fúria contra todos.

— O meu verdadeiro pai era um pescador, um homem bom, valente e honesto que nunca usou asas e nunca as quis. Mas se, se ele tivesse sido escolhido para ser voador, teria sido o melhor de todos! Canções seriam cantadas sobre ele, glorificando-o! Se nós herdamos o talento dos nossos pais, olhem para mim. A minha mãe sabe fiar e apanhar ostras. Eu não sei. O meu pai não sabia voar. Eu sei. E alguns de vocês sabem quão boa sou... melhor do que alguns que nasceram para as asas. — Virou-se e olhou para a outra ponta da mesa. — Melhor do que você, Corm — disse numa voz que foi projetada para todo o grande salão. — Ou será que se esqueceu?

Corm fitou-a, furioso, com a cara ruborizada de zanga, uma veia grossa a projetar-se-lhe do pescoço. Não disse nada. Maris voltou a virar-se para o salão. A voz suavizou-se-lhe, e observou-os com falsa solicitude.

— Será que têm medo? — perguntou-lhes. — Será que se agarraram às asas só pela força de um pretexto? Será que têm medo de que todos os porcos filhos dos pescadores venham arrancá-las das vossas mãos, mostrando ser melhores voadores do que vocês e obrigando-vos a fazer figura de idiotas?

Então, todas as palavras se lhe esgotaram, e a fúria também. E Maris voltou a sentar-se na cadeira, e o silêncio pairou pesadamente no grande salão de pedra. Por fim, uma mão ergueu-se, e depois outra, mas Jamis li-

mitou-se a olhar em frente sem expressão, com o rosto pensativo. Ninguém se mexeu até que ele finalmente pareceu despertar, e indicou com um gesto alguém na multidão.

Lá em cima, junto da parede, um velho com um braço morto levantou-se sozinho à trémula luz amarela dos archotes. A assembleia virou-se para o fitar.

— Russ, de Pequena Amberly — começou. O seu tom era suave. — Meus amigos, Maris tem razão. Temos sido uns idiotas. E nenhum de nós foi tão idiota como eu.

»Não foi há muito tempo que estive numa praia e disse que não tinha filha. Esta noite gostaria de poder recolher essas palavras, gostaria de ainda ter o direito de chamar a Maris minha filha. Ela deixou-me muito orgulhoso. Mas não é minha. Não, tal como ela disse, é filha de um pescador, um homem melhor do que eu. Tudo o que eu fiz foi amá-la durante algum tempo e ensiná-la a voar. Não foi preciso ensinar muito, sabem? Ela sempre foi tão ávida. A minha pequena Asas-de-Madeira. Não havia nada que a pudesse parar, nada. Nem mesmo eu quando, como um idiota, tentei fazê-lo, depois de Coll nascer.

»Maris é a melhor voadora de Amberly, e o meu sangue não tem nada a ver com isso. Só importa o desejo dela, só o seu sonho. E se vocês, meus irmãos voadores, sentem um tal desdém pelos filhos dos presos à terra, então é coisa vergonhosa que os temam. Terão assim tão pouca fé nos vossos filhos? Terão assim tanta certeza de que eles não serão capazes de conservar as asas contra o desafio ávido do filho de um pescador?

Russ abanou a cabeça.

— Não sei. Sou um velho, e as coisas têm andado confusas nos últimos tempos. Mas isto sei: se eu ainda pudesse usar o meu braço, ninguém me tiraria as *minhas* asas, nem mesmo se o seu pai fosse um falcão-noturno. E nunca ninguém tirará as asas a Maris até que ela esteja pronta para as pousar. Não. Se realmente ensinarem os vossos filhos a voar bem, eles conservarão o céu. Se tiverem o orgulho de que se gabam, estarão à altura do desafio, e prová-lo-ão, deixando que as asas sejam usadas apenas por aqueles que as conquistaram, só por aqueles que provaram o seu valor no ar.

Russ voltou a sentar-se, e a escuridão no topo do salão engoliu-o. Corm começou a dizer qualquer coisa, mas Jamis Sênior silenciou-o.

— Já ouvimos de si o suficiente — disse. Corm pestanejou de surpresa.

— Acho que *eu* vou dizer uma coisa — disse Jamis. — E depois votaremos. Russ expressou sabedoria por todos nós, mas eu tenho de acrescentar uma ideia. Não somos nós, todos nós, descendentes dos navegantes das estrelas? Toda a Windhaven é uma família, na verdade. E não há ninguém entre nós que não possa encontrar um voador na sua árvore genealógica, se

recuar o suficiente. Pensem nisso, amigos. E lembrem-se de que enquanto os vossos filhos mais velhos podem usar as vossas asas e voar, os seus irmãos e irmãs mais novos e todos os filhos deles ao longo de gerações serão presos à terra. Deveremos mesmo negar-lhes o vento para sempre, simplesmente porque os seus antepassados foram segundos filhos em vez de primogénitos? — Jamis sorriu. — Eu talvez deva acrescentar que fui o segundo filho da minha mãe. O meu irmão mais velho morreu numa tempestade seis meses antes de chegar à idade de obter as asas. Coisa pouca, essa. Não vos parece?

Olhou em volta, para os dois terratenentes que o flanqueavam, os quais se tinham mantido calados durante todo o debate, silenciados pela lei dos voadores. Sussurrou primeiro a um, depois ao outro, e acenou com a cabeça.

— Decidimos que a proposta de Corm de declarar Maris de Pequena Amberly fora-da-lei não tem mérito — disse Jamis. — Iremos agora votar a proposta de Maris, de criar uma academia de voadores, aberta a todos. Eu voto a favor.

E depois daquilo, deixou de haver dúvidas.

*

Mais tarde, Maris sentiu-se ligeiramente chocada, entontecida com a vitória, mas de certa forma incapaz de acreditar que realmente terminara, que já não teria de lutar. O ar fora do salão estava limpo e húmido, o vento soprava firmemente de leste. Parou nos degraus e saboreou-o, enquanto amigos e estranhos se aglomeravam à sua volta, querendo conversar. Dorrel manteve um braço em seu redor e não fez perguntas nem expressou espanto; era repousante encostar-se a ele. E agora?, perguntou a si própria. Voltava para casa? Onde estava Coll? Talvez tivesse ido buscar Barrion e trouxesse o barco.

A multidão em volta dela abriu-se. Russ estava lá, com Jamis a seu lado. O seu padrasto tinha na mão um par de asas.

— Maris — disse.

— *Pai?* — A sua voz tremia.

— Era assim que sempre devia ter sido — disse ele, sorrindo-lhe. — Ficaria orgulhoso se me deixasses voltar a chamar-te filha, depois de tudo o que fiz. Ficaria ainda mais orgulhoso se quisesses usar as minhas asas.

— Conquistaste-as — disse Jamis. — As velhas regras não se aplicam e és, com toda a certeza, qualificada. Até pormos a academia a funcionar, não há ninguém para as usar exceto tu e Devin. E tu cuidaste melhor destas asas do que Devin alguma vez cuidou das dele.

As suas mãos saltaram para tirar as asas da mão de Russ. Eram de novo suas. Estava a sorrir, já não cansada, animada pelo peso das asas nas mãos, pela sua familiaridade.

— Oh, pai — disse, e depois, chorando, ela e Russ abraçaram-se.

Quando as lágrimas se esgotaram, dirigiram-se todos à falésia dos voadores, uma grande multidão.

— Voemos até ao Ninho — disse ela a Dorrel. Depois viu Garth, logo adiante... reparara nele no meio da multidão. — Garth! Vem também. Vamos fazer uma festa!

— Sim — disse Dorrel — mas será o Ninho o lugar certo para ela?

Maris corou.

— Oh, claro que não! — Deitou um olhar à multidão que a rodeava. — Não, vamos para nossa casa, na Pequena, e *toda a gente* pode vir, nós e o pai, e o terratenente e Jamis, e Barrion cantará para nós, se conseguirmos encontrá-lo, e... — E então viu Coll, correndo para ela, de rosto iluminado.

— Maris! Maris! — Correu para ela e abraçou-a entusiasticamente, após o que se afastou, sorrindo.

— Para onde foste?

— Recolhi-me com Barrion, teve de ser, estou a fazer uma canção. Ainda só tenho o início, mas vai ser boa, consigo senti-lo, vai mesmo. É sobre ti.

— Sobre mim?

Ele estava claramente orgulhoso de si próprio.

— Sim. Vais ser famosa. Toda a gente a vai cantar e toda a gente te conhecerá.

— Já conhecem — disse Dorrel. — Acredita.

— Oh, mas refiro-me a para sempre. Enquanto esta canção for cantada, saberão de ti... conhecerão a rapariga que desejava tanto um par de asas que mudou o mundo.

E talvez fosse verdade, pensou Maris mais tarde, enquanto prendia as asas e saltava para o vento com Dorrel e Garth a seu lado. Mas ter mudado o mundo não parecia, nem de perto, tão importante nem tão real como o vento no cabelo, o puxão familiar dos músculos ao subir, cavalgando as suas bem amadas correntes que julgara que poderiam estar perdidas para sempre. Tinha de novo as suas asas, tinha o céu; estava agora completa e feliz.

SEGUNDA PARTE

Monoasa

A coisa mais estranha de morrer foi ser tão fácil, tão calmo e belo. O ar parado caíra sobre Maris sem aviso. Um instante antes, a tempestade enfurecia-se a toda a sua volta. Chuva picava-lhe os olhos e escorria-lhe pela cara, ressoava no metal prateado das asas e os ventos estavam cheios de tumulto, empurrando-a de um lado para o outro, esbofetendo-a com desprezo para aqui ou para ali como se ela não passasse de uma criança recém-chegada ao ar. Sob os tensores das asas, os braços doíam-lhe da luta. Nuvens escuras obscureciam o horizonte, enquanto o mar lá em baixo estava revoltado e coberto de espuma; não se via terra em parte alguma. Maris praguejava, aguentava as dores e voava.

E depois a paz envolveu-a, e a calma, e a morte.

Os ventos aquietaram-se e as chuvas pararam. O mar cessou o seu violento oscilar. As próprias nuvens pareceram recuar, até estarem infinitamente distantes. Caiu um silêncio, um sinistro sossego, como se o tempo tivesse parado para retomar o fôlego.

No ar parado, com as suas asas brilhantes muito abertas, Maris começou a descer.

Foi uma descida lenta e gradual, algo de belo, elegante e inevitável. Sem uma brisa para a empurrar ou fazer erguer, ela só podia planar para a frente e para baixo. Não era uma queda. Parecia durar para sempre. Muito em frente, via o ponto onde iria atingir a água.

Por um breve momento, os seus instintos de voadora pediram-lhe que lutasse. Inclinou-se para um lado e para o outro, tentou voar em ziguezua-

gue, procurou em vão uma corrente ascendente ou qualquer outra no céu calmo. As suas asas de seis metros de envergadura subiram e desceram, e um súbito raio de pálida luz do Sol reluziu no metal prateado. Mas a descida continuou.

Então sentiu-se calma, tão calma como o ar, com o seu torvelinho interno tão imóvel como o mar lá em baixo. Sentiu a profunda paz da rendição, o alívio de terminar a longa batalha contra os ventos. Sempre tinha estado à sua mercê, pensou, nunca estivera realmente no controlo. Eles eram selvagens e ela fraca, e era tola por ter sonhado outra coisa. Olhou para cima, perguntando a si própria se veria os voadores fantasmas que se dizia assombrarem o ar parado.

Foram as pontas das botas que primeiro roçaram na água e depois o seu corpo estilhaçou o espelho cinzento e liso do oceano. O impacto da água fria queimou-a como uma chama e afundou-se...